

## INTRODUÇÃO

TRADUÇÃO DE  
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Sob a irradiação do céu luminoso, no seio de uma natureza eternamente virgem, embora fecunda, e envoltos pelo ar puro, impregnado do perfume das flôres, circulam com rapidez de relâmpago pássaros que cintilam como ouro ou despedem reflexos de outros metais, a que se aliam tons de pedras preciosas. O vermelho delicado do rubi, o vermelho escuro da granada, o alaranjado do topázio, o verde agradável da esmeralda, êsse outro, mais intenso e mais sedoso, da malaquita, o azul da safira e o roxo da ametista figuram separadamente na plumagem de espécies batizadas com êsses nomes; quando tais côres se combinam, é para formar deleitosas harmonias que o olhar admira, mas que o pincel mais experimentado só imperfeitamente saberia reproduzir. Se a êste luxo de penas acrescentarmos a delicadeza do tamanho, formas graciosas e esbeltas, e vivacidade de movimentos, teremos um esboço ligeiro, mas fiel, do pássaro-môsa.

Já muito antes da descoberta do Novo Mundo pelos espanhóis, os primitivos habitantes dessas regiões deliciosas conheciam e procuravam com interêsse os pássaros-môsa; usavam-nos como penduralinho de orelha, à guisa de amuleto; com as penas da garganta faziam quadros em que os matizes, combinados com arte, eram inalteráveis e brilhantes. Impressionados com o pequeno porte dêsses passarinhos, e comparando-os às suas mais infimas medidas de péso, deram-lhes os conquistadores europeus o nome de *tominos*; os brasileiros, à vista de seus hábitos, chamam-lhes beija-flor, papa-môscas, chupa-flor, nomes que dão idéia perfeita dêsses pássaros elegantes, como que suspensos diante das flôres, parecendo acariciá-las.

Com espécies bastante numerosas, os beija-flôres são peculiares à América, mas a África e a Ásia Meridional nos apresentam como análogas as diversas tribos melívoras de papa-açúcar e de cêrtias, na maio-



ria das quais se desdobram as ricas tonalidades do arco-íris e, quase sempre, reflexos de substâncias metálicas, desde o amarelo puro do ouro até o roxo escuro do aço polido; tamanho, costumes e, sem dúvida, igual maneira de viver ainda mais os aproximam dos pássaros-môsca. Estes últimos não elegem apenas a ardência da zona tórrida; espalham-se por diversas regiões da América do Norte, na Geórgia, na Carolina, e até mesmo em pontos de maior altitude, onde são tidos como mensageiros do bom-tempo, de vez que realmente desaparecem à aproximação do inverno, e ao voltarem trazem consigo a primavera.

Não há lugar algum do Brasil onde não possamos encontrá-los, pois são moradores ou visitantes de qualquer ponto onde desabrochem flôres. Acompanham-nas, aparecem e desaparecem com elas. As matas mais espessas, as florestas mais sombrias, os vales profundos, as margens da corrente esperta, e finalmente os risonhos jardins que cercam a morada humana receberam todos em partilha um quinhão da família d'esses pássaros encantadores.

Por ocasião da inflorescência geral dos vegetais, o curioso pode observar alguns d'esses melívoros junto às corolas escarlates da bananeirinha-do-mato, da hamélia e de certas variedades de *justicia*, e ver outras espécies animando os sarmentos floridos das eupatórias, os ramos de beladonas e coiranas, as taças alabastrinas do majestoso talauma, as elegantes campainhas do estramônio inclinadas sôbre a correnteza dos rios, e os corimbos das margraviáceas pendentes do cimo das árvores; finalmente, quando o jequitibá e a sapucaia se recamam de cachos aromáticos, ouvirá a uma altura imensa o zumbir de miríades de beija-flôres, que pelo tamanho, não raro, a vista mal distinguiria dos grandes himenópteros e de certos lepidópteros a turbilhonarem com êles em enxames alados.

À parte ligeiras diferenças nos costumes, todos os beija-flôres se assemelham, pois a generalidade das espécies parece nutrir-se do mel das flôres, diante das quais êses elegantes passarinhos permanecem largo tempo como suspensos, enquanto dardejam a língua, muito extensível, até o fundo da corola. Contudo, não é o perfume que elas exalam, nem o líquido doce que secretam, que atrai o pássaro-môsca: são legiões de insetos que vivem do suco dos nectários, e que por sua vez servem de pasto aos menores passarinhos existentes. Semelhante hábito, envolvendo idéia de destruição, esmaece em parte o encanto ligado a êses pretensos melívoros, que sempre foram tidos como rivais das borboletas, das quais copiam aliás a ligeireza.

O beija-flor vive em movimento contínuo; dir-se-ia conformado unicamente para o voo, e executa-o com tamanha rapidez que muitas vezes não conseguimos avistá-lo, embora o zumbido que emite ao voar lhe anuncie a passagem. Além desse ruído especial, produzido pela viva trepidação das asas, espécies mínimas, como o Beija-Flor de Coleira e o Seis-Filêtes, têm a assinalar-lhes a chegada súbita uma crepitação sonora parecida, guardadas as proporções, com o soar de uma trombeta longínqua.

Extremamente raivosas, as diferentes espécies e, não raro, os indivíduos da mesma espécie guerream-se encarniçadamente, em disputa de uma flor, junto à qual vai postar-se o vitorioso, ainda excitado, de cabeça vibrante e pluma eriçada, até que, descoberto por um novo inimigo, é atacado por sua vez. Os menores beija-flôres lutam subindo perpendicularmente a grande altura e dardejando contra o adversário seus bicos pontudos, até o momento em que o medo ou a fadiga force um dos campeões a abandonar a liça; baixam então os dois e tomam rumos opostos, até que novo encontro proporcione segundo combate.

O beija-flor pousa de preferência nos ramos mais altos da árvore ou da moita, e sempre nos desprovidos de folhas. Aí permanece imóvel, fazendo ouvir a intervalos um pio lastimoso, cuja melodia absolutamente não se harmoniza com a sua brilhante roupagem.

No período amoroso, êsses pássaros encantadores se acasalam, pouco se separando um do outro quando o ninho foi feito. Para instalá-lo, escolhem uma bifurcação de ramilho no centro da moita, ou senão o suspendem a um fragmento de cólmo, na cobertura das habitações humanas. Só empregam na sua feitura alguns líquenes e flocos de algodão, da carolina, de certas apocíneas, da figueira e da paineira ou *fromager*, variando com as espécies vegetais da região por êles habitada. Esse ninho, proporcionado ao tamanho de seu arquiteto, quase nunca excede em diâmetro a metade de um limão, e abriga dois ovos brancos, alongados, obtusos nas extremidades, e da grossura de uma ervilha.

Durante a incubação, um dos componentes do casal fica de sentinela junto ao lugar que esconde o berço de sua pequena família. Aí solta êle seus trinadores alegres, que mudam de natureza e se precipitam, tornando-se contínuos, à aproximação de algum ser que lhe inspire medo. Deixa então o pósto, esvoaça até atingir a causa do seu terror,

põe-na em fuga, tranqüiliza-se e volta para o mesmo lugar, de onde se atira sôbre os miúdos insetos a seu alcance.

Embora providos, no mais alto grau, da faculdade de vôo, nem por isso se vêem os beija-flôres menos expostos a perigos de que não conseguem às vêzes escapar. Têm inimigos, tanto mais temíveis quanto não dispõem aqueles de arma alguma para defender-se. Uma cobra filiforme, chamada cipó, e que sobe pelas árvores, onde sua côr esmeraldina ou azulada a disfarça à vista no meio da folhagem, apodera-se dos ovos e dos próprios pássaros, se êstes não fugirem depressa. Muitos, retidos entre as malhas sedosas dos aracnídeos, encontram morte inevitável, pois, ao caírem nelas em pleno vôo, logo se vêem enredados e presos. O mais cruel dêsses verdugos é, porém, a mígala aviculária, aranha enorme e horrenda, que surpreende suas vítimas sob a proteção da noite, imolando-as quando o sono as deixa inermes, sem meios de defesa.

A plumagem alta do beija-flor é em geral verde; esta côr se enriquece de tôdas as nuanças imagináveis, passando por tonalidades verde-alga, verde-esmeralda, verde-malaquita, verde-cobre, verde-bronze, verde-garrafa, e finalmente verde-negro, mas brilhante com reflexos metálicos e cambiantes, quando o atinge obliquamente um raio de luz. Só as penas da garganta diferem consoante as espécies, e suas tonalidades sempre intensas e repetidas oferecem por isso o melhor meio de designação.

A grande família dos beija-flôres prôpriamente ditos tem limites fixados pela natureza mesma; embora a ciência julgasse necessário distingui-los, os colibris, de bico longo e arqueado, e os ortorrincos, de bico reto, tendem a aproximar-se. Existem de fato eles intermediários entre êsses dois gêneros, e muitas espécies podem pertencer indiferentemente a um ou outro. Os pássaros-môca que nos interessam especialmente são dotados de bico reto e agudo, ou reto e deprimido na base, e levemente arqueado na ponta. Estas características, que bastariam para qualificar as espécies, juntando-se às nuanças da garganta, constituem a base das divisões que adotamos.

B. F. PRETO

*O. Ater*

Quatro polegadas e meia de comprimento; as asas ultrapassam a cauda. Bico cilíndrico, preto, algo recurvado. Cabeça e parte superior do corpo, negros, com reflexo verde-crê. Manto e penas uropigiais de côr verde-escura, e debrum de ouro esverdinhado. Coberteiras alares, em verde-crê. Rêmiges roxas. A parte inferior do corpo tinge-se de preto fôco; penugem femoral, branca. Retrizes quadradas; o preto das duas medianas reluz em verde e em roxo, enquanto as laterais, com seu branco puro, terminam por uma faixa preta, de lampejos de aço. Coxas e algumas penas hipocondriais, brancas. Pés pretos.

§ Mesmas tonalidades. Penas bucais e mento côr de ferrugem; quatro retrizes medianas, pretas, com reflexo purpurino.

§ Variedade inteiramente negra. Retrizes, como as anteriores.

Este pássaro, que se aproxima dos colibris pela curvatura ligeira do bico, é incontestavelmente a maior espécie do gênero. Encontrado em todo o Brasil, entretanto não é comum em parte alguma; conforme a estação, vive nas matas virgens, onde florescem alcaparzeiras e margraviáceas, principalmente naquelas onde a majestosa talauma se cobre de taças odoríferas. A orla dos bosques, por sua vez, hospeda-o de setembro a novembro, quando os hibiscos parecem envolvidos em roupagem de flôres.

É rápido o seu vôo, mas, como se faz acompanhar de um movimento ondulatorio, sobretudo quando o pássaro dardeja a lingua na intimidade das corolas, torna-se perceptível de muito longe, tanto mais quanto nesse instante se abrem e fecham alternadamente as penas da cauda, que além disto se levanta como a da carriça européia. Surpreendido ou assustado por um motivo qualquer, abandona a flor que o atraira, alteia-se perpendicularmente, mantendo-se no espaço por intensa trepidação de asas; afinal, tranquilizado ou aterrorizado, precipita-se com rapidez de seta, para recomeçar mais longe idéntica manobra, seguida de um grito constante.

Encontra-se a espécie nas matas da região de Bananal (São Pedro de Alcântara); é mais rara na de Macaé, onde, em compensação, se conhece largamente o Topázio.



B. F. TOPAZIO

*O. Granatinus*

Comprimento, quatro polegadas e meia. Bico cilíndrico, reto, intumescido, de extremidade aguda; penas frontais de aspecto escamoso, em verde-ouro azinhavrado. Mento anegrado, com debrum castanho claro; olhos; risca pós-ocular branca. Dorso, manto e coberteiras alares, em verde-ouro azinhavrado. Mento anegrado, com debrum castanho claro; mais abaixo, plumagem e aparência escamosa, formando placa triangular carmim escuro, tendendo a laranja-ouro. Em verde-esmeralda brilhante e dourado, a garganta e o peito; o ventre passa de cinzento a verde baço; coxa e penugem femoral, brancos. Penas anais de côr verde-dourada, com cercadura ruiva. As rémiges se colorem de preto violáceo. Retrizes arredondadas, de côr acaju; debrum e terminação em verde-bronze, como bronzeadas são as duas superiores.

§ Toda a parte baixa do corpo é ruiva; garganta sem tonalidade cambiante; parte alta, verde-esmeralda.

Este pássaro esplendoroso é encontrado nas proximidades da mata virgem, em meio aos campos de malváceas dos gêneros *bibiscus* e *sida*, que proliferam nos antigos terrenos desmoitados, ou roças, e entre os rebentos de troncos copados, mas de pequena altura, que os brasileiros chamam de capoeiras. Parece atraído por êsses vegetais e pelos tufos sedosos dos ingás-doces, e acompanha-lhes a inflorescência de região em região, entre julho e outubro, período em que se torna muito comum.

O Topázio, notável pelo vôo rápido e ruidoso, solta continuamente um grito especial, repetindo-o mesmo quando pousado, mas em ritmo mais grave. Este canto monótono faz com que seja descoberto facilmente, não obstante sua precaução de ocultar-se no interior das moitas.

Ciumento ao extremo, não consente que outros pássaros visitem sua morada; move-lhes guerra obstinada, não aceita partilhas. Fica então em constante movimento, abandonando seu calmo retiro e expondo-se ao calor do dia no alto da moita; espia a passagem dos rivais, atira-se

sobre eles, provoca-os, combate-os até pô-los em fuga ou ser ele próprio obrigado a capitular.

Esta espécie se apresenta desde a cadeia de montanhas conhecida como Serra dos Órgãos, até Paraíba do Sul. Parece mais numerosa em certas horas do dia, das sete às nove da manhã, e das três da tarde até o escurecer, sobretudo quando o sol ardente anuncia tempestade.



B. F. FUSCO

*O. umbrosus*

Quatro e meia polegadas de comprimento. Bico cilíndrico, meio recurvo na ponta, preto desbotado. Penas frontais acinzentadas, mais escuras no centro. Cabeça, dorso, manto, penas uropigiais e coberteiras alares, em tonalidade verde-escura, com reflexos pouco visíveis de cobre. Penas bucais, da garganta e peitorais lembrando escamas de tom cinza-esverdeado, e reflexo verde-crê; contórno cinzento puro. As rémiges são violáceas, e o tubo da primeira se dilata na parte média. Retrizes quadradas; as duas superiores, verde-garrafa; as laterais, preto-arroxeadado. Traço pós-ocular, branco.

§ Garganta branco-pardacenta, sem brilho verde-crê.

A plumagem sombria, em que mal se fazem notar reflexos metálicos, chama pouco a atenção para este melívoro, que aliás tem em comum com o B. F. Andorinha o canto e o voo. Estas relações me teriam levado a aproximar as duas espécies, não fôsse observações numerosas que me fizeram encontrar indivíduos de ambos os sexos do B. F. Fusco.

Vive êle, com um enxame de insetozinhos, nas florestas de bananeiras que invadiram imensa extensão do solo, originárias de alguns pés plantados pelos índios à beira dos rios, e que se foram multiplicando anualmente. Circula rapidamente em meio aos seus quincôncios, e dêles nunca se afasta, acariciando alternadamente os grandes botões roxos, cujas "escamas" espessas protegem e recobrem parcialmente massas de flôres úmidas de orvalho e de mel. Parece alimentar-se d'êste último líquido, mas em verdade só visita os flôsculos que o destilam, para apanhar os insetozinhos por êle atraídos. Pousa com freqüência, e seu canto forte e repetido quebra o silêncio religioso da ramaria espessa, apenas perturbado pelo frêmito das longas fôlhas acetinadas, que o vento da tempestade rasga em tiras e que então, agitadas levemente pelo zéfiro, semelham o rumor das ondas de um oceano longínquo.

O extraordinário desenvolvimento da haste das primeiras rémiges desta espécie se faz tanto mais digno de nota quanto de todos os beija-

flôres do Brasil este é o único que o apresenta. Por esta singularidade, aproxima-se do B. F. de Tubo Grosso, de Caiena.

Nunca vi este pássaro em Macaé, porém é muito freqüente nas regiões de Bananal e da Ilha Grande, onde pode ser observado durante o ano inteiro.



B. F. ANDORINHA

*O. furcatus*

Comprimento, quatro polegadas e meia; bico cilíndrico, um tanto recurvo, preto. Frontais lembrando escamas, onde brilha o azul-cerúleo. Azul índigo nas cervicais, tendendo a verde no occipício, e parecendo negro conforme a direção do dia. A parte superior do corpo colore-se de verde-malaquita; a inferior é inteiramente imbricada de penas de cor verde-esmeralda, com reflexos de ouro. Rêmiges em negro-violáceo. Retrizes aforquilhadas, medindo vinte e duas linhas, em azul-índigo vivo; penugem femoral farta, cor de leite.

§ Tonalidades superiores mais foscas, algo acobreadas; região inferior do corpo, dotada de penas de feição escamosa, espaçadas, dispersas sobre fundo cinzento-pérola.

A espécie aqui descrita é denominada em vista de seu formato: pela cauda larga e bifurcada, e pelo comprimento das asas, lembra aqueles pássaros curiosos, de ânimo viajero, que surgem por toda a Europa com a primavera, fugindo aos rigores do inverno, para, como o proscrito que abandona a terra natal, pedir a outros céus acolhimento generoso, descanso e liberdade.

Em todas as horas e lugares encontramos o B. F. Andorinha; as matas escuras o recebem quando o sol despeja raios ardentes. Ele zumba nas capoeiras, quando banhadas pelo orvalho matinal, e encontra penene frescura à sombra das lianas verdejantes, sob a cúpula florida tramada pela panícula dos taquaruçus, que indicam a proximidade dos regatos e simultaneamente lhes dissimulam o curso. Semelhante ao relâmpago, do qual copia às vezes o clarão, atira-se do cume florente do ingá-doce e mergulha no abismo, para reaparecer em meio aos cipós entrelaçados que o encobrem, antes que o olhar possa apreender o objetivo por ele visado.

O voo do B. F. Andorinha é rápido, e parece que a facilidade com que ele o executa lhe confere um sentimento de segurança em qualquer lugar aparentemente perigoso. Avança para junto do caçador, esvoaça

a algumas polegadas de sua arma, tranquiliza-se e afasta-se tão precipitadamente quanto se havia aproximado.

Apresenta-se esta espécie durante o ano todo, embora seja mais encontrada de agosto a novembro, período em que os indivíduos não estão acasalados.

B. F. DE BARRIGA CINZENTA

*O. Leucogaster*

Comprimento, três polegadas e oito linhas. Bico cilíndrico, um tanto recurvado, preto. Alto da cabeça, pescoço, dorso, manto e uropígio, em verde-crê muito lustroso. Nas coberteiras alares, verde-acobreado; às vêzes, as penas são marginadas de ruivo. Garganta, peito, ventre e anais pintados de cinza-pardacento, liso; algumas hipocondriais, verde-crê. Azul violáceo nas rémiges. Retrizes curtas, levemente bifurcadas, verde-índigo nas superiores e índigo puro nas laterais, estas terminando em cinza claro, e tôdas cõr de aço polido, em baixo.

Este pássaro, o mais disseminado no Brasil, é visto quase durante o ano inteiro nas capoeiras, não raro nas matas virgens, e constantemente nos pomares, logo que laranjeiras e limoeiros entram em inflorescência. Nessa época, aparece em enxames, e seu zunido se faz ouvir a grande distância. Mais confiante ainda que os anteriores, muitas vêzes pousa perto da mão do homem e até faz ninho em casa dêle; ou senão, em vôo rápido, segue o beiral das varandas ou galerias abertas, na frente das habitações, e aí se lança sôbre os mosquitos e até sôbre pequenos aracnídeos, aos quais arranca de suas teias.

Em movimento contínuo, seja à procura de présa, seja para atacar ou defender-se, é inimigo declarado das grandes espécies do gênero, e até das de outras famílias que lhe são superiores em tamanho. Empoleira-se a todo momento, investe contra o adversário, combate-o, põe-no em fuga, e, orgulhoso da vitória, logo volta a pousar no mesmo ponto, com as penas eriçadas, a cabeça vibrante, dardejando e recolhendo a língua como se estivesse prestes a sufocar de raiva.

## B. F. ACOBREADO

### *B. Cupreus*

Três polegadas de comprimento. Bico ligeiramente arqueado, prêto na metade superior e no terço terminal da inferior; amarelo-palha no resto. Frontais de aspecto escamoso e tom verde-ferrugem. Manto, dorso, uropígio e coberteiras alares ostentam bonito verde-cobre, com reflexos. Tôda a parte baixa do corpo é revestida de penas de aparência escamosa, em verde-alga tirante a ouro, e debruadas de cinzento. Flancos, verde-escuro; abdominais e anais, acinzentado. Rémiges roxas. Retrizes verde-bronze no alto; laterais terminando em cinzento; as de baixo, tôdas em verde enegrecido.

§ Variedade — *De Papo Branco*: o verde-esmeralda, com reflexos de azul e ouro, surge nas partes laterais do pescoço; branco-de-neve no meio do pescoço, da garganta, do peito e do ventre.

§ Variedade — *De Palheta*: garganta e peito brancos; penas terminando em verde-esmeralda; abdômen verde-ouro; cada pena ostenta larga franja branco-acinzentada.

Os jardins mais chegados às casas, onde se erguem latadas de aze-deraque, cujas flôres dispostas em tirso se assemelham, pela côr e perfume, aos lilazes europeus, são visitados constantemente pelo B. F. Acobreado, que difere bastante do B. F. de Barriga Cinzenta para constituir uma espécie. Realmente, tamanho menor, reflexos metálicos em baixo e canto mais agudo bastam para distingui-lo do outro, em que encontra seu mais cruel inimigo, embora procurem ambos os mesmos vegetais, como as citrêceas, as labiadas, a corinda, que exala cheiro de resedá, e em geral tôdas as flôres de abundante secreção melíflua.

Comum na província de São Paulo, o B. F. Acobreado é mais raro em Macaé. Seu ninho surge muitas vêzes no interior dos tijupás cobertos de fôlhas de palmeira, em que o homem, procurando abrigar-se da canícula, recebe prazenteiro a visita dêsse hóspede encantador, que não se assusta e vem confiantemente partilhar seu asilo.

B. F. ESMERALDA

*O. Smaragdinus*

Comprimento, três polegadas e três linhas. Bico reto, deprimido na base de tom vermelho claro, com extremidade preta. Toda a plumagem superior, mesmo as cervicais (que são imbricadas e arredondadas) ostentam verde-ouro muito lustroso, às vezes com reflexo de cobre vermelho. Penas do mento, da garganta e peitorais, imbricadas com muita regularidade, tintas de verde-alga, com reflexos vivos de ouro polido. Barriga toda ela de cor esmeraldino-dourada. Penugem femoral e crurais alvas. Anais em verde-malaquita meio fosco. Violeta-escuro nas rémiges; azul-indigo, nas retrizes curtas, largas e bifurcadas. Pés encarnados.

Esta espécie encantadora é vista unicamente nas moitas à beira do caminho, e se expõe assim à mais viva ardência do sol. Em movimento quase constante, pousa e lança-se com a rapidez e o ruído de uma bala; não obstante a extraordinária cintilação das penas do peito em face de um raio luminoso, mal temos tempo de percebê-la: passa, deslumbra e desaparece.

Quando o Esmeralda se empoleira na ponta de um galho seco, o corpo fica imóvel, mas a cabeça mantém perene agitação. Balança as penas da cauda, abre-as em leque amplo e desfere sem pausa um canto monótono, pio especial, semelhante ao da carriça francesa.

Ao contrário da generalidade dos pássaros, os sexos se assemelham, salvo levíssimas diferenças de cor, mais apagada na fêmea, de maior intensidade no macho.

Este pássaro frequenta exclusivamente a região de Bananal e aí se deixa ver nas estradas, de agosto a janeiro.

B. F. SAFIRA-ESMERALDA

*O. Coerulescens*

Comprimento, três polegadas e meia. Bico largo na base, encarnado, de ponta prêta. Cabeça, parte superior do pescoço, manto e tetri- zes coloridos de verde-azulado brilhante. Uropigiais roxas. Mento em marrom vivo. Penas da garganta, azul-celeste com reflexos metálicos, pas- sando a verde-esmeraldino dourado, nas partes laterais. Barriga azul- verde. Crurais brancas, anais em ruivo carregado. Retriizes largas, um pouco em forma de cunha; as duas superiores, roxas; as laterais, mar- rom escuro; tôdas dessa última côr, em baixo. Pés róseos.

§ Variedade — Mesma tonalidade na plumagem superior; um pou- co de azul na garganta. Esta coloração oferece muitos reflexos verde- alga. Anais enegrecidas.

Nenhuma espécie do gênero ortorrinco apresenta plumagem tão suscetível de variar como esta, a ponto de só de raro em raro encontrar- mos dois indivíduos perfeitamente semelhantes. Tais variações são pro- duzidas talvez pela idade, e nesse caso os tons azuis seriam tanto mais intensos quanto mais adulto o pássaro.

Durante muito tempo imaginei que a espécie aqui descrita fôsse a fêmea do Safira; só abandonei esta idéia depois de recolher exempla- res dos dois sexos, de cada uma delas. Entretanto, considerando-se que a plumagem tende a variar muito, não é impossível que as duas raças se cruzem às vêzes. Apesar de tôdas as suas relações com o Safira, o Safira-Esmeralda se distingue dêle pelo verde brilhante das partes la- terais da garganta, e pelo reflexo de alga que resvala sôbre a penugem cerúlea do peito. Nos dois sexos, as retrizes oferecem as mesmas côres; de tôda a plumagem, esta é, ao que suponho, a única parte imutável. No mais, o vôo e os costumes das duas espécies se assemelham; encon- tramo-las nos mesmos lugares e na mesma estação.



B. F. SAFIRA

*O. Saphirinus*

Comprimento, três polegadas e meia. Bico plano e muito largo na base, vermelho forte, acabando em preto. Penas frontais escamosas, de azul-cerúleo brilhante, com lampejos dourados. Dorsais e tetripes de tom verde-azulíneo bem escuro, com reflexos metálicos. Verde-acobreado, nas uropigiais. Penas bucais brancas, de extremidades azuis. Azul puro e lustroso, com cintilações de prata e ouro polidos, na plumagem da garganta e do peito. Barriga e flanco, verde-escuro. Anais cinzentas. Rêmiges roxas. Retrizes largas e obtusas, de um azul de aço polido. Patinhas pretas.

§ Frontais verdes, marginadas de cinza; mento cinéreo-azulado. Azul claro, com cercadura branca, no peito e na garganta.

O fino azul do céu e o azul mais intenso do Safira não são mais puros nem brilham mais que os azuis espalhados em todo o alto da cabeça e na garganta desta espécie. Os raios do sol estão sempre a tocar uma dessas partes, seja quando o pássaro, no vôo, atravessa rapidamente um dos atalhos tortuosos da mata, seja quando êle se empoleira na ponta de um galho seco, destacando-se no meio do caminho, a espreitar, em silêncio, a passagem do inimigo, para enfrentá-lo, ou do inseto, para comê-lo.

Este pássaro parece viver em sociedade mais ou menos numerosa, na região que escolheu. Os exemplares que compõem o grupo se atacam ao se encontrarem, sem que pareça haver rancor nessa espécie de jôgo, executado com extrema rapidez.

Os sarmentos das passifloras e as flôres das tabernemontanas, que de longe evocam o perfume do jasmim, bem como a flor da asclépias de Curaçau e de alguns equites atraem o Safira, afeiçoado assim às apocíneas, fortemente venenosas para homens e animais, porém de modo algum nocivas a êsses pássaros elegantes.

Embora raro, o Safira é encontrado de março a dezembro nos lugares secos e arejados de Bananal, e se deixa descobrir facilmente pelo canto, seqüência de notas queixosas e muito agudas.

## B. F. DE PAPO BRANCO

### *O. Torquatus*

Três polegadas e nove linhas de comprimento. Metade superior do bico, preta; a inferior, amarela em dois terços da extensão, e preta na extremidade. Cabeça, pescoço, manto e uropigiais, em belo verde-ouro. Mento verde-esmeraldino, com orla branca; alvura na garganta e no peito. Larga cinta de penas imbricadas, verde-malaquita, com reflexos de ouro, recobre o alto do ventre, em forma de peitilho ou de lua crescente, com a parte côncava na direção da cabeça. A tonalidade varia nos flancos, entre verde e branco; o ventre médio, as femorais e as anais são alvos. Rêmiges de tom preto-violáceo, do mesmo comprimento das retrizes; estas, regulares e curtas, as duas superiores verde-bronze, as laterais fortemente pretas, com reflexos de aço polido, e pontas brancas.

Comum na região de Motro Queimado, e raro na de Bananal, este pássaro se faz notar menos pela elegância de formas e brilho de cores do que pela extrema confiança. A presença do homem absolutamente não o assusta; ele, por assim dizer, pousa na espingarda do caçador.

Pacífico de natureza, acaricia as flores sem atacar os numerosos rivais que elas lhe atraem, e que, menos generosos, o expulsam impiedosamente, sem se intimidar com os seus meios de defesa, resumidos no voo rápido e na cantiga plangente.

Nos momentos tranquilos, tem hábitos parecidos com os do B. F. Preto; como este, abre e fecha alternadamente as penas da cauda, acompanhando o movimento com um pio abafado.

Encontra-se a espécie nos campos de malváceas, sobretudo nas coiranas de grandes frutas azuis, que enchem as capoeiras e que, por ocasião da inflorescência, ostentam longos ramos juncados de ramilhetes de flores estelares, branco-amareladas. Seu alimento consiste em insetos colhidos de passagem. Fica horas inteiras empoleirado na ponta de um galho seco, dando mostra de paciência e, como que escrivizado a esse ponto de sua escolha, a ele regressa poucos instantes depois de havê-lo deixado.

B. F. AMETISTA

*O. Ametistinus*

Comprimento, quatro polegadas e seis linhas. Bico cilíndrico, reto, inflado na ponta, agudo, preto. O alto da cabeça, da base do bico ao vértice, é coberto de penas de aspecto escamoso e de cor verde-esmeralda, com reflexos de ouro polido, tendo nos lados e atrás outras menos brilhantes, de tonalidades verde-alga e índigo; elas se tornam tanto mais longas quanto mais se afastam do lugar de origem, e formam pupa, ocultando uma pluma reta, estreita, azul-escura, de dezoito linhas de comprimento, e capaz de aprumar-se. Verde-bronze, com lucilações acinzentadas, na parte superior do corpo e na cauda. Mento de cor cinza e terminação violeta; garganta, peito e parte central do ventre revestem-se de penas sedosas, do mais puro roxo de amor-perfeito, com reflexos azuis; hipcondriais esverdeadas. Anais cinzentas, terminando em verde. Retrizes iguais, quadradas, em verde-garrafa, extremidades brancas. Cinzentos-pérola nos lados do pescoço, e pinta branca atrás do ôlho. Patas anegradas.

O Ametista é o único dos beija-flôres brasileiros de cuja garganta, pintada de cores vivas, não se desprende nenhum reflexo metálico. É visto somente nos lugares onde cresce a espécie arbórea de beladonna, que no Brasil chamam de marianeira, tão notável pela elegância das flôres como pelo perfume suave que elas exalam — e isso explica a preferência por êle dispensada aos sítios à beira d'água e às capoeiras próximas da mata virgem, únicos pontos onde pululam as variedades dessa planta.

Seu vôo é bastante rápido, porém muito irregular; acelera-o, torna-o mais lento ou mesmo o detém a súbitas. Muitas vezes, desliza como em plano inclinado, contraindo as asas; sustenta-se e mantém-se estacionário com afastá-las e agitá-las violentamente.

Não raro o Ametista pouisa à menor sensação de medo; sua pena cervical, ordinariamente deitada, ergue-se então, com reflexos de ouro e prata a cintilarem na base, para retomar a posição anterior quando o pássaro, já seguro, se atira ao inseto que lhe passe ao alcance.

Encontra-se nas cercanias de Cantagalo e de Bananal. É tão raro que, em cinco anos de pesquisas, só consegui obter dois exemplares.

B. F. MALAQUITA

*O. Sericens*

Comprimento, cinco polegadas e meia; metade corresponde às retrizes. Bico subulado, preto e reto. Uma linha preta sai da comisura das mandíbulas, alarga-se por baixo dos olhos, envolvendo-os em parte, e acaba ao lado do pescoço. Frontais de cor verde-dourada, com reflexos vermelho-cobre. Dorsos, coberturas alares e uropigiais (que são compridas e sedosas) cobrem-se de bonito verde-dourado, emitindo lampejos alaranjados ou de amarelo puro, conforme a direção dos raios solares. Rêmiges anegradadas. Retrizes bem escalonadas, dominando nas seis medianas o preto puro; bonita alvura nas laterais. Esta cor, em sua maior pureza, se derrama sobre toda a plumagem inferior. Pés encarnados.

§ Variedade — *Branco-pardacento*. Verde-cinza, na plumagem central do mento e do peito.

As baúinias de flores brancas e as espigas flamejantes das bananeirinhas-do-mato, ou caetés, atraem especialmente este bonito beija-flor, notável pela ondulação do vôo, que é acompanhado por um canto desagradável e agudo. Faz-se percebido de muito longe, seja quando, de asas esticadas, parece deslizar no espaço, ou, juntando-as, se confia a seu próprio péso, seja ainda quando, suspenso diante de uma flor, ostenta as longas penas da cauda, cujo branco lustroso, visível apenas nesse instante, contrasta com o fundo de verdura sobre o qual se diria aplicado.

Embora as flores procuradas pelo Malaquita se mostrem no mesmo período, e as plantas que as produzem cubram grande extensão de terreno, ele escolhe certas regiões, e só as abandona para refugiar-se nas moitas mais espessas, onde espera escapar à perseguição de outros pássaros mais corajosos, e nem sempre tem sorte de evitá-los.

O Malaquita, familiar em Bananal e Macaté, é visto ao longo das matas e à beira dos córregos, em setembro e outubro; no resto do ano, vive confinado na floresta virgem.

B. F. DE ORELHA

*O. Auritus*

Três polegadas e meia de comprimento. Bico preto, subulado, muito pontudo. Verde-alga dourado, nas frontais, de feição escamosa, verde-ouro, reflexos intensos de vermelho-cobre, no dorso, manto e coberteiras. As uropigiais, muito compridas e sedosas, ocultam quase inteiramente as retrizes e se pintam de belo verde-esmeralda tirante a ouro. Rêmiges violetas. Retrizes iguais, curtas, de brancura marcante; nas quatro superiores, domina o preto puro. Olhos situados no centro de mancha preta que desce para os lados do pescoço, onde o azul-cerúleo colore penas largas e de aparência escamosa. Entre o preto das auriculares e o branco nevoso de toda a parte inferior do corpo, há uma faixa oblíqua, verde-ouro, que nasce na metade inferior do bico e acaba ao nível das penas cerúleas, com as quais não raro se confunde. Pés pretos.

§ Variedade — *De Cauda Comprida*. As retrizes ocupam metade do comprimento total. Manto completamente verde-esmeralda, com reflexos alaranjados e dourados.

A margem dos rios de parte da província de São Paulo é geralmente ornada com uma espécie de estramônio, de longas campânulas pendentes, que ao cair da noite exalam cheiro delicioso. Durante o dia, miríades de insetozinhos enchem o interior das corolas, e é para apanhá-los que o B. F. de Orelha está sempre adejando diante delas.

Este pássaro tem vôo ligeiro mas saltitante; estende e encolhe alternadamente as asas, abre a cauda e pode ficar estacionário no espaço ou precipitar-se, à vontade. Vítima da perseguição de outros beija-flôres e colibris, de vôo mais célere e mais firme, foge deles para esconder-se nas moitas mais espessas, ou desaparece no ar, soltando um grito magoado. Embora tenha corpo para resistir, falta-lhe coragem para a luta.

Pássaro encantador, é muito visto nos meses de setembro e outubro; as regiões de Macaé e Bananal o contam igualmente entre suas espécies ornitológicas mais interessantes.

B. F. DE LEQUE

*O. Flabelliferus*

Comprimento, duas polegadas e seis linhas. Bico reto, agudo, preto. Penas da frente, do alto da cabeça e em volta do bico, escamiformes, em verde-puro e ouro-polido. Cabeça, alto do pescoço, manto e retrizes, verde-brilhante, com reflexos acobreados, e faixa de tom branco-enfumaçado no final das costas. Castanho-esverdeado, matizando-se de roxo, nas uropigiais. Violeta-escuro nas rémiges. Nas retrizes escalonadas, castanho purpúreo, terminando em branco; verde-bronzeado uniforme, nas duas de cima. No mento e na garganta, penas compridas, com pêlos desunidos de tom verde-ladão e dourado fosco, erécteis. Auriculares escalonadas, largas, em verde-ouro puro, muito brilhante; lados do pescoço cobertos de penas escalonadas, que oscilam entre duas linhas e uma polegada de comprimento, estreitas, espatuladas, extensíveis, reunidas e deitadas durante o repouso, de cor verde-crê fosca, branca na extremidade. Garganta alva, em que cada pena se matiza de marrom, na origem. Ventre, na parte central, ruivo-enfumaçado, com bordadura mais sombria em cada pena. Verde-crê nas hipocondriais, ruivo-acinzentado nas anais. Linha de tom preto veludoso, ao longo dos olhos.

§ Garganta e peito: penas brancas, marginadas de castanho-escuro. Baixo ventre, ruivo. Retrizes bronzeadas, terminando em violeta e finalmente em branco fúlvido. Plumagem superior, verde-acobreada. Sem penas erécteis.

O B. F. de Leque é dos mais raros no Brasil. Nas matas virgens, encontra-se no cume das árvores mais altas, onde o atraem numerosas eupatórias, cujos sarmentos flexíveis alcançam o cimo d'esses velhos patriarcas da floresta para recairem sobre o chão em longos e floridos festões.

O tamanho diminuto d'este pássaro tornaria muito difícil descobri-lo, não fôsse o sussurro que êle produz ao voar, e que o denuncia de bem longe. Seu vôo é rápido e firme; sobe até muito alto, no céu, e quando de lá se despenha produz um silvo semelhante ao da bala. Enquanto executa essas evoluções, as penas de sua roupagem permanecem deitadas, mas quando a irritação o invade, os dois largos leques

se abrem, avançam, e fulgem tons de esmeralda e lampejos de ouro. A fêmea, desprovida de longas penas cervicais, de longe aparenta o aspecto e o voo de um Beija-Flor de Coleira, novo. Raríssimo na região de Macaé, torna-se mais visto na de Bananal. Desce para a orla dos bosques em junho e julho, e em setembro se dispersa pelas capoeiras, onde então floresce grande quantidade de hibiscos.

## B. F. DE SEIS-FILÉTES

### *O. Seiþerus*

Comprimento total, cinco polegadas e oito linhas; as duas penas exteriores da cauda são as únicas a medir três polegadas e quatro linhas; as duas seguintes, duas polegadas e cinco linhas. Estas quatro, muito estreitas, pontudas, em cinzento-pardo, com nervura média branco-prateada, são dominadas por duas outras mais largas, de treze linhas de comprimento, em azul-negro, nervura branca; as outras, em azul de aço polido, são rudimentares. Bico preto, subulado, reto. Linha branca por trás dos olhos. Frontais de aspecto escamoso, de cor verde-esmeralda e ouro. Penas da cerviz e do pescoço, dorsais e trétrizes, pintadas de verde-crê rutilante; parte inferior das costas, atravessada por uma banda branca. Uropégio verde-dourado. Garganta, pescoço e peito recobertos de penas à feição de escamas, de um verde muito brilhante e dourado, passando por todos os matizes do verde-esmeraldino ao verde-negro mais carregado. Estas penas se separam das abdominais de preto puro por uma cintura vermelho-cereja, que se muda em alaranjado e limão. Lados brancos. Anais acinzentadas.

§ Cauda curta, bifurcada, cor de aço polido, terminando em branco. Garganta pouco brilhante; em preto enfumado, a parte baixa do corpo.

Notável pelos apêndices setáceos que a terminam, esta espécie ainda o é mais pela mobilidade de cores. O Seis-Filétes ostenta na garganta lampejos de esmeralda, ouro e jade, misturados, mas, conforme a posição do corpo, ganhando maior ou menor intensidade; êste cede àquele todo o espaço, para recuperá-lo por sua vez, ao mais leve movimento do pássaro.

Ao voar, suas trétrizes se aproximam, e, ao adejar diante de uma flor, se levantam, mas basta que a mão do caçador o apanhe, ou que um rival o ataque, e elas se afastam súbitamente, formando da base ao cume um ângulo obtuso muito pronunciado, quando não se colocam por assim dizer em linha horizontal.

O zumbido agudo ou, às vézes, a crepitação sonora lhe anunciam a chegada. O cume florido das eupatórias e das conizas, e em geral as espigas das mimosas e das marianeiras atrem legiões dêles, ocupadas



durante o dia inteiro, quer em perseguir os insetos que aí enxameiam, quer em brigar ou se divertir entre si. O vencedor da luta vai empolear-se na ponta de um raminho seco ou à superfície de um corimbo florido, sacudindo de alto a baixo as penas da cauda, que então se juntam.

Habitante das regiões de Bananal e Macaé, o Seis-Filêtes é mais numeroso na primeira, sobretudo de agosto a outubro; no resto do ano, seu abrigo está na mata virgem.

B. F. RUBI

*O. Rubineus*

Comprimento, três polegadas. Bico subulado, preto. Cabeça, alto do pescoço, manto, coberteiras e uropigiais recobertos de bonito verde com reflexos de ouro. Na base da metade inferior do bico nascem penas longas, de aspecto escamoso, ou imbricadas, erécteis, dispostas em triângulo, de cor rosa-escura, adquirindo tons mais intensos de carmim e de púrpura-arroxeadas. Garganta branca, meio-collar peitoral cinza-pérola. Traço branco pós-ocular. Flancos de tonalidade verde-pálida. Abdômen e anais cinza-pardacentos. Rêmiges violáceas, retrizes vivamente bifurcadas, ostentando em cima verde-bronze, em baixo roxo-pardacento. Pés pretos.

§ Mesmas tonalidades, sem o rosa na garganta; traço pós-ocular bem visível. Retrizes mais curtas.

O principal característico do Rubi consiste nas penas róseas que surgem da base do bico e que, avançando, formam com êle um ângulo agudo, quando o pássaro é tomado de ira ou de medo.

O voo, rápido e ruidoso, adverte-nos de sua presença muito antes que possamos vê-lo. Assim, quando zumba no alto do couratari, ou jequitibá, a mais de cem pés de altura, e brinca entre os cachos odoríferos dêsse gigante da floresta, cujos galhos peçados de flôres parecem recobertos de neve, o olhar tem grande dificuldade em descobri-lo, mas ainda nessa elevação faz rumor tão agudo como o de um zangão volumoso a dois passos de distância.

Quando, em dia quente e tempestuoso, espessos vapores se elevam e se acumulam no tópo das montanhas, o Rubi se torna muito comum. Desce então para as capoeiras e para as campinas onde se espalham dosséis de lantana rosa e de aurora, não os deixando nem mesmo sob torrentes de chuva que tiram a vida a tantos pássaros, enquanto êle, apesar do seu tamanho diminuto, não é por elas afetado.

Esta bonita espécie é encontrada desde Buenos Aires até o Canadá, e some nesta última região ao se aproximar o inverno, regressando para anunciar as flôres da primavera, logo que o sol recobra força para aquecer novamente a terra.

B. F. DE COLEIRA

*O. Ornatus*

Duas polegadas e seis linhas de comprimento. Bico reto, subulado, escarlate, terminando em préto. Frontais verde-esmeralda cercando um tufo de penas compridas, afiladas, erécteis, côr de terra-queimada. Cabeça, pescoço e manto, verde-enferrujado com reflexos de ouro; parte baixa do dorso, branco puro. Uropígio roxo-avermelhado; a parte inferior do pescoço e a garganta cobrem-se de penas escamiformes, de tonalidade verde-esmeraldina, com lampejos de ouro polido. Nas partes laterais do pescoço, penas escalonadas, cortadas em ângulo reto na extremidade, dispostas em leque e erécteis; estas penas são brancas e terminam em tira verde-crê. Abdomen cinzento-pardo. Hipocôndriais esverdeadas. Anais verdes, bordadas de ruivo. Rêmiges de côr violeta. Retrizes em forma de cunha; as duas superiores, verde-bronze; laterais, em terra-queimada puro, com terminação negra em cima; tôdas marrom brilhante, em baixo. Pés róseos.

§ Variedade — Arruivado em baixo. Verde-escuro nas frontais, bordadas de ruivo, sem tufo.

O B. F. de Coleira, assim chamado pelos dois leques de penas que lhe ornas as partes laterais do pescoço, é o menor ortorrinco do Brasil. A fêmea, especialmente, tem no máximo dezoito linhas de comprimento, e se parece com um grande zangão; como seu vôo é pesado e muito ruidoso, confunde-se não raro êste pássaro com insetos, quando a certa altura.

Tôdas as flôres o atraem, mas é visto principalmente sôbre uma planta de pequenas corolas verticiladas, que pela folhagem branca e tomentosa recorda as verbóceas. Visita igualmente lantanas e plantas corimbíferas.

Sempre em movimento, e vivendo geralmente em sociedade, êstes pássaros encantadores travam combates constantes; dois ou três se elevam perpendicularmente, muitas vêzes fora do alcance da vista, dardando o bico e eriçando as penas, até que a fadiga ou o mêdo restaure a paz, separando os contendores.

Encontra-se o B. F. de Coleira durante o ano inteiro, em todo o Brasil. Parece voar com ímpeto maior, e também fazer barulho mais intenso, quando o tempo anuncia tempestade. É nessa ocasião, sobretudo, que nos permite ouvir uma crepitação sonora realmente extraordinária, e que não se diria vir de pássaro tão pequenino.

## ESTUDO CRÍTICO-SISTEMÁTICO DOS BEIJA-FLÔRES TRATADOS POR DESCOURTILZ

POR

OLIVÉRIO M. DE O. PINTO

O nome do Dr. Théodore Descourtilz é dos mais familiares aos que entre nós se dedicam ao estudo das aves, como autor de uma *Ornitologie brésilienne*, obra notável antes de tudo pela magnificência de suas estampas coloridas. Não obstante, impressiona o absoluto silêncio das fontes de consulta sobre a personalidade desse distinto observador, que, segundo se infere das informações por ele próprias prestadas, antes de vir para o Brasil deve ter sido médico clínico em alguma das Antilhas francesas, dedicando-se ao mesmo tempo às ciências naturais e à pintura aplicada ao estudo desse ramo de conhecimentos. Alfredo de Carvalho, a cuja opulenta brasileira, conforme se conclui do consignado em sua inestimável "Biblioteca Exótico-Brasileira", terão pertencido os manuscritos da obra que dá motivo a estas notas, diz-nos ter ele chegado ao Rio de Janeiro em 1830, um ano antes, portanto, do indicado na página de rosto da obra em questão. Informação difícil de ser admitida, posto não ser acreditável que no curto lapso de tempo decorrido entre as duas datas pudesse o autor ter tido tempo para travar conhecimento com todas as espécies ornitológicas de que vê-lo-emos ocupar-se, e muito menos para realizar as viagens de que são prova as muitas localidades de coleta de material por ele mencionadas no texto de "Oiseaux-mouches orthorynques du Brésil". Seja como for, parece fora de dúvida terem sido os beija-flôres a maior atração exercida sobre Descourtilz pela nossa natureza, até aquele momento circunscrita à então província do Rio de Janeiro, com exceção apenas do nordeste extremo da de São Paulo, caso as suas freqüentes referências a Bananal se relacionem com a atual cidade paulista desse nome.

Entre as demais localidades a que o autor faz menção ao tratar da distribuição das suas espécies e da procedência de seus exemplares, as de maior altitude situam-se na Serra dos Orgãos, onde particulariza a fazenda do Morro Queimado, sede mais tarde da colônia de Nova Friburgo; em nível muito mais baixo, no vale do rio Paraíba, ocorre mencionar Cantagalo e Paraíba do Sul, demorando as restantes na orla marítima, como Macaé, ao norte de Cabo Frio, e Ilha Grande (atual Angra dos Reis), defronte da ilha desse nome.

Planejando o seu trabalho, restringe-o Descourtiz aos beija-flôres por êle chamados Ortorrincos, com o que exclui os que possuem bico longo e encurvado, deixando assim de parte bom número das espécies peculiares à área por êle percorrida, inclusive algumas das mais notáveis pela elegância das formas, avantajado do porte e frequência nas zonas habitadas. Isso pôsto, são praticamente contemplados todos os membros da família incluídos naquele quadro, sem exceção algumas formas que o desbravamento progressivo da região tornaram muito raras nos dias de hoje, como é o caso de *Gouldomyia langsdorffi* (Temminck), cujo tipo pertencera ao gabinete do nosso primeiro cônsul da Rússia, que o terá talvez colecionado dentro dos limites da própria cidade do Rio de Janeiro. Lembre-se todavia que o nosso autor não teve a oportunidade de descobrir nenhuma espécie nova, pois na época em que fez as suas observações já outros o haviam precedido ali no mesmo empenho, entre eles o príncipe Maximiliano de Wied (1815) e, particularmente, Delalande (1816), a quem devemos creditar os primeiros exemplares conhecidos de uma meia dúzia de espécies, quase tôdas descritas por Vieillot, entre 1816 e 1818.

Sem dispor, ao que parece, de recursos bibliográficos, e tendo muito menos ao seu alcance material de museu para comparação, não é de admirar que haja Descourtiz incorrido em alguns enganos, seja ao descrever como espécies diferentes indivíduos de sexo diverso (caso de *Thalassania glaucopsis*), seja confundindo espécies perfeitamente distintas, como é o caso de *Melanotrochilus fuscus* e *Anthracoborax nigricollis*, sob cujos respectivos desenhos se lê o mesmo nome "O. M. noir", como se o primeiro fosse simples variedade do segundo, do qual, aliás, não encontramos a descrição.

No que respeita à nomenclatura, mesmo na hipótese de haver o nosso autor logrado dar pronta publicação ao seu trabalho, todos os seus nomes estavam fadados a cair em sinonímia, suplantados por outros mais antigos. A este propósito, convém ainda observar que ao con-

ferir denominações lineanas às suas espécies, que enfeixa num único gênero, uma só vez não se preocupara em mencionar o nome genérico adotado, limitando-se a usar a inicial O., abreviatura talvez de *Orni-myia*, muito em voga entre os autores de seu tempo.

Tudo levado em conta, o trabalho de Descourtiz sobre os beija-flores vale sobretudo como iconografia dos troquilidas de bico direito encontrados no Rio de Janeiro; e, depois, pelas observações relativas ao modo de vida das espécies, a fisionomia dos lugares que freqüentam, as flores que de preferência visitam, e mais particularidades dessa natureza, tudo vasado em linguagem não raro cheia de poesia, onde o sentimento da Natureza e a paixão pelo belo é sempre a nota predominante.

Mais tarde, ampliando o raio de suas excursões naturalísticas, parece ter Descourtiz escolhido como campo preferido de trabalho a então província do Espírito Santo, coberta quase toda, até então, de ininterrupta e densa mataria. Foi nessa faina, motivo bastante para ver perpetuado o seu nome, que a morte o surpreendeu em 13 de janeiro de 1855, ao cabo de muitos anos de serviços prestados ao nosso Museu Nacional, onde ingressara como naturalista-viajante pela mão de Fred. C. Leopoldo Burlamaque, então diretor da instituição.

#### LISTA SISTEMÁTICA DAS ESPÉCIES

##### *Melanotrochilus fuscus* (Vieillot, 1817)

O adulto desta espécie é descrito in-extensu sob o nome de "O. M. Noir — O. ater". A êle corresponde também a Pl. 2, "O. M. Noir, variété".

A descrição abreviada, atribuída por Descourtiz ao ♂ (macho) da espécie, corresponde, pelo contrário, ao jovem, bem caracterizado pela presença de ferrugem ("roux-acajou") nos lados da garganta.

A "variété tout noir", referida na descrição, corresponde ao indivíduo plenamente adulto desta espécie de sexos semelhantes.

*Nota.* A "Planche première", a despeito da legenda ("O. M. Noir"), nada tem que ver com a espécie em questão, pois representa inconfundivelmente o macho do beija-flor de peito denegrido, *Ambraothorax nigricollis nigricollis*.

##### *Aphantochroa cirrochloris* (Vieillot, 1818)

Os adultos de ambos os sexos se acham descritos pelo autor em "O. M. Terne — O. umbrosus". A "Planche 4", que tem o mesmo nome como legenda, corresponde ao ♂ (macho) adulto desta espécie.

*Amazilia fimbriata tebrocephala* (Vieillot, 1818)

O ♂ (macho) adulto desta espécie corresponde à "Planche 7" e à descrição in-extenso do "O. M. Cuivré — O. Cupreus" de Descourtiz, nome sob o qual aparece descrito também, como "Var. à Gorge Blanche", o adulto de *Amazilia versicolor brevirostris* (Lesson, 1829), enquanto que, como "Var. à Pailletes", se encontra o jovem d'este último. Os desenhos destas duas supostas variedades correspondem, respectivamente, às "Planches" 9 e 8, como o indicam as suas legendas.

*Amazilia versicolor brevirostris* (Lesson, 1829)

O adulto desta espécie, como acabamos de ver, se acha descrito em "O. M. Cuivré", como "Var. à Gorge Blanche", ao passo que o jovem é tratado sob o mesmo título, como "Var. à Pailletes". Ambos se acham representados em desenhos, ao adulto correspondendo a "Planche 9" e ao jovem a "Planche 8".

*Hylocharis cyanus cyanus* (Vieillot, 1818)

D'este beija-flor, cujo descobrimento se deve a Delalande, acha-se bem descrito e figurado (Pl. 12) o ♂ (macho) adulto, com o nome de "O. M. Saphir — O. Saphirinus". Em compensação, são obscuras as características atribuídas à ♀ (fêmea), cujas partes inferiores branco-acinzentadas, com mistura irregular de verde, em nada se assemelham às do sexo oposto.

*Hylocharis saphirina latirostris* (Wied, 1832)

Descrito com o nome de "O. M. Saphir-Emeraude — O. Coerulescens" e figurado na "Planche 11", tratando-se num e noutro caso de um ♂ (macho) adulto da espécie. A suposta "Variété" a que Descourtiz faz breve referência não parece ser outra coisa senão o macho imaturo, pois a fêmea falta qualquer indício de anil na garganta, que é brancacenta, como as restantes partes inferiores do corpo.

*Chlorostilbon aureoventris pucherani* (Bourcier & Mulsant, 1848)

O ♂ (macho) d'este beija-flor vem descrito e figurado (Pl. 10) com o nome de "O. M. Emeraude — O. Smaragdinus". Pela descrição, verifica-se que o autor não reconheceu a ♀ (fêmea) desta espécie; caso contrário não diria que "os dois sexos se assemelham, afora levíssimas diferenças", pois a verdade é que a fêmea difere gritantemente do sexo oposto, não só pela ausência completa de cores metálicas nas partes inferiores, que são cinzento-pardas, sem brilho, como também pelas rectrices laterais, brancas na extremidade. Hell-



mayr (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, 1929, p. 390), depois de examinar no Museu de Paris o único cótipo restante do *Trochilus pucherani* Bourc. & Muls. (um macho jovem rotulado como fêmea), designou o Rio de Janeiro como localidade típica da atual subespécie.

*Thalassidroma leucorhoa* (Gmelin)

Descourtilz tratou dos dois sexos deste beija-flor, como se cada qual fosse uma espécie particular; assim é que o macho foi descrito com o nome de "O. M. Hirondele — O. furcatus" e fielmente representado na Planche 5. Quanto à ♀ (fêmea), foi descrita sob a denominação de "O. M. à Ventre Gris — O. Leucogaster" e figurada na "Planche 6", sob igual nome.

*Anthracoceros nigricollis* (Vieillot, 1817)

Não dá Descourtilz a descrição desta espécie, mas a ela corresponde a "Planche 1ère. — O. M. Noir", como já tivemos a ocasião de advertir, a propósito de *Melanotrochilus fusca* (Vieillot).

*Leucochloris albicollis* (Vieillot, 1818)

É este lindo beija-flor, de sexos impossíveis de distinguir pela plumagem, um dos mais perfeitamente descritos e figurados (Pl. 13) por Descourtilz, que lhe dá a denominação de "O. M. Hausse-col — O. Torquatus".

*Clytolaema rubricauda* (Boddaert, 1783)

Em "O. M. Topaze — O. Granatinus" acham-se bem descritos os adultos de um e outro sexo; por sua vez, na "Planche 3 — O. M. topaze" está representado o ♂ (macho) adulto desta espécie, de sexos dissemelhantes.

*Heliothrix aurita auriculata* (Nordmann, 1835)

Ao beija-flor em questão se referem nada menos de três desenhos de Descourtilz, quais sejam os das pranchas 15, 16 e 17. Dêstes, o primeiro deve corresponder ao macho incompletamente desenvolvido, que o autor descreve como "O. M. Malachite — O. Sericus"; o segundo, sem a menor dúvida, à fêmea adulta, descrita como "O. M. Malachite, Variété Grivelé", na suposição de ser simples variedade dêste; finalmente, o terceiro, cuja descrição aparece como "O. M. à Orelles — O. Anritus", ajusta-se ao macho plenamente adulto, com tôdas as características que lhe são peculiares.

*Calliphlox amethystina* (Boddaert, 1783)

Em "O. M. Rubis — O. rubineus" descrevem-se os adultos dos dois sexos deste beija-flor, um de mais larga área de distribuição entre os de que trata

Descourtilz, visto que ocorre em quase todo o continente sul-americano, a leste dos Andes. A "Planche 22" representa o macho, com sofrível fidelidade; existe, porém, o desenho da fêmea, que aliás difere do sexo oposto muito mais do que faz supor a brevíssima descrição, pois não só lhe falta o refulgente escudo purpúreo na garganta, como tem, afora diferenças outras de colorido, a cauda curta e antes truncada, com as pontas das retrizes marcadas de branco.

*Stephanosis lalandi lalandi* (Vieillot, 1818)

Ao macho adulto dêste magnífico beija-flor, que o agudo topete nuclear torna inconfundível, correspondem a descrição e o desenho (Pl. 14) do que chamou Descourtilz "O. M. Améthyste — O. Améthystenus". Faz parte, como tantas outras, das espécies descobertas no Rio de Janeiro por A. Delalande, o conhecido companheiro de Auguste de Saint-Hilaire em sua viagem ao Brasil.

*Lophornis magnificus* (Vieillot, 1817)

Dá-nos a "Planche 23", com o nome de "O. M. Hoppe-col", bom desenho do macho adulto dêste beija-flor, um dos mais ricos ornamentos da família a que pertence. A respectiva descrição, que ao supracitado acrescenta o nome latino de "O. ornatus", omite qualquer referência à fêmea, que é muito diferente, faltando-lhe de todo não só o topete como os penachos laterais do pescoço, sem falar no colorido da plumagem, que de comum com a do sexo oposto quase só tem o colorido verde das costas e a faixa branca na garupa. Apresenta, além disso, a cauda muito mais curta, com a ponta das retrizes côr clara de ferrugem.

*Lophornis chalybeus chalybeus* (Temminck, 1821)

Este é o "O. M. Flabellifère — O. Flabelliferus" de Descourtilz, que descree com satisfatória fidelidade tanto o macho como a fêmea em estado adulto, representando o primeiro na "Planche 18" e a segunda na "Pl. 19". Embora êses desenhos estejam muito longe de reproduzir as brilhantes tonalidades de colorido que tornam esta espécie minúscula uma das mais belas entre os nossos beija-flôres, são êles superiores aos estampados por Temminck em seu celebrado "Nouveau Recueil de Planches Colorées".

*Gouldomya langsdorffi langsdorffi* (Temminck, 1821)

Dêste pequeno colibri, hoje extremamente raro nas colônias, dá-nos também Descourtilz a descrição e o desenho dos adultos de ambos os sexos, sob a denominação de "O. M. à Six-Filets — O. Setiferus". O desenho do macho, que se vê na "Planche 20", é incontestavelmente muito superior ao de Temminck, que em sua famosa obra diz não ter conhecido a fêmea, estampada na "Planche 21" pelo nosso autor.

LISTA DAS PRANCHAS POR ORDEM DE SEQUENCIA

1. *Antracotborax nigricollis* (Vieillot), macho adulto
2. *Melanotrochilus fuscus* (Vieillot), adulto (sexos semelhantes)
3. *Clytolaema rubricauda* (Boddaert), macho adulto
4. *Apbantocbroa cirrochloris* (Vieillot), adulto (sexos semelhantes)
5. *Tbalurania glaucopsis* (Gmelin), macho
6. *Tbalurania glaucopsis* (Gmelin), fêmea
7. *Amazilia tephrocephala* (Vieillot), macho
8. *Amazilia versicolor brevirostris* (Lesson), fêmea
9. *Idem*, imatura
10. *Chorostilbon aureoventris pucherani* (Bourc. & Muls.), macho adulto
11. *Hylocbaris sapphirina latirostris* (Wied), macho adulto
12. *Hylocbaris cyanus cyanus* (Vieillot), macho adulto
13. *Leucochloris albicollis* (Vieillot), adulto (sexos semelhantes)
14. *Stephanoxis lalandi lalandi* (Vieillot), macho adulto
15. *Heliothrix aurita auriculata* (Nordmann), jovem
16. *H. aurita auriculata* (Nordmann), fêmea adulta
17. *Heliothrix aurita auriculata* (Nordmann), macho adulto
18. *Lophornis chalybeus chalybeus* (Temminck), macho adulto
19. *Idem*, fêmea
20. *Gouldomyia langsdorffi langsdorffi* (Temminck), macho adulto
21. *Idem*, fêmea.
22. *Calliphlox amethystina* (Boddaert), macho
23. *Lophornis magnificus* (Vieillot), macho



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

ORGANISMO DEL PATRIMONIO  
DOCUMENTAL DE LA NAUVA

Pl. 1.

## O · M · NOIR

O ater.

long de quatre pouces et demi. ailes dé-  
passant la queue. Bec cylindrique noir un  
peu courbé. Tête et dessus du corps noir  
à reflets vert doré. Manteau et uropygiales  
d'un vert sombre chaque plume bordée  
d'Or-vertâtre. Couvertures alaires vert  
doré. Remiges violettes. Dessous du  
corps noir mat, un duvet blanc fémeal.  
Rectrices carrées, les deux moyennes d'un  
noir reflétant le vert et le violet, les latérales  
d'un blanc pur terminées par une bande  
noire à reflets d'acier. Cuites et quel-  
ques hypocondriales blanches. Pieds noirs,  
et mêmes teintes. Buccales et gularies  
roux-cajou, les quatre rectrices moyen-  
nes noires à reflets pourpres.

Var. tout noir. Rectrices des précéd-  
ents.

Cet Oiseau qui se rapproche des *Calibris* par la  
courbure légère de son bec est sans contredit la plus-  
grosse espèce du Genre répandue dans tout le Brésil  
il n'est cependant commun nulle part et habite suivant  
les saisons les Forêts Vierges ou fleurissent les *Capraes*  
et les *Mara graves*, et principalement celles où le majes-



PATRIMÔNIO  
DOCUMENTAL

INSTITUTO DE HISTÓRIA  
E CULTURA

tueux *Talauna* se couvre de ses coupes odorantes. Les bords des Bois le possèdent à leur tour pendant les mois de septembre et de novembre dès que les champs où croissent les *Kalmus* semblent se vêtir d'une draperie de fleurs.

Le vol de cet Oiseau est rapide mais comme il est accompagné d'un mouvement d'ondulation exécuté surtout lorsqu'il darde sa langue au fond des corolles on l'aperçoit de fort loin, d'autant plus qu'en ce moment il étale et rapproche alternativement les plumes de sa queue qu'il relève en outre à l'instar du *Troglodyte* d'Europe. Si surpris ou effrayé par un objet quelconque il quitte le fleur qui l'attirait, il s'élève alors perpendiculairement et se maintient en place par une vive trépidation des ailes, enfin ou rassuré ou épouventé il se précipite avec la rapidité d'un trait et va plus loin recommencer la même manœuvre qu'il accompagne d'un cri continu.

Cette espèce se rencontre dans les Forêts du district du Bananal (*São Pedro d'Alcantara*) elle est plus rare dans celui du Macabé où en revanche le *Topac* est excessivement commun.



PATRIMÔNIO  
DOCUMENTAL

UNIDADE DE PRESERVAÇÃO  
DE LA MEMÓRIA

Blanche 1<sup>ère</sup>



O-M. NOIR.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OPERA DEL POSTALIERO  
DE LA NABAYE



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OPERA DI RESTAURO  
E LAVORAZI



*Planche 2.*



**O-M. NOIR.**

*Vucicó.*



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

ORÇÃO DO INSTITUTO  
DE LA PAZ



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OPERA DEL MINISTERO  
DELLA Pubblica Istruzione

## O · M · TOPAZE ·

## O · Granatinus.

long de quatre pouces et demi Bec cimbrique droit renflé et aigu à l'extrémité plumes frontales écailleuses vert pur à reflets d'or. unetis de noir entre le bec et l'œil trait post oculaire blanc. Des manseau et couvertures alaires vert-cuivre. rosette doré. Gulaires noires bordées de brun pâle. gularales écailleuses forment une plaque triangulaire carmin foncé changeant en orange doré. Gorge et poitrine vert émeraude doré et brillant. ventre varié de gris et de vert téné. cuisses et duvet femoral blancs. Ailes vert doré bordées de roux. Remiges noir violet. Rectrices arrondies de couleur acajou bordées et terminées de vert bronzé. deux supérieures bronzées, q tout le dessous du corps sive, sans gorge changeant, dessus vert émeraude.

On rencontre ce magnifique Oiseau à la lisière des bois Vierges au milieu des champs de malvacees des Genres *Kalmia* et *Sida* qui inondent les anciens défrichis ou *Rocas* et les rejets de bois touffus mais peu élevés que les Brésiliens nomment *Cipucias*. Il semble attiré par ces végétaux et par les houppes soyeuses des *Ingas Survis* il en suit les fleurs-



PATRIMÔNIO  
DOCUMENTAL

ORGÃO DE PATRIMÔNIO  
DE LA HABANA

cence de canton en canton de Juillet à Octobre. Temps où il est très commun.

Le Topaze remarquable par son vol rapide et bruyant fait entendre continuellement un cri particulier qu'il continue même étant posé mais sur un rythme plus grave, ce chant monotone le fait aisément découvrir malgré la précaution qu'il prend de se cacher au sein des fourrés.

Jaloux à l'excès, le Topaze ne permet pas que d'autres Oiseaux viennent visiter le séjour qu'il a adopté il leur livre une guerre opiniâtre et ne saurait souffrir de partage, il est alors toujours en mouvement, il quitte ses retraites tranquilles, exposé à la chaleur du jour au sommet d'un buisson il épie leur passage se précipite sur eux les harcèle les combat jusqu'à ce qu'il les ait fait fuir ou que lui même se soit vu forcé de céder.

Cette espèce se montre depuis la chaîne de montagnes nommée *Serra das Orgãos* jusqu'à la *Paratyba do Sul*, elle semble plus abondante à de certaines heures du jour telles que de sept à neuf du matin et de trois du soir jusqu'à la nuit surtout quand un soleil ardent dispose le temps à un Orage.



PATRIMÔNIO  
DOCUMENTAL

ORIENT. DO INSTITUTO  
DE LA PAZARTE

*Planche 3.*



O-M. TOPAZE.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

ORDINE DEL RESTAURO  
DE LA PASENYE



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

SPONSOR DEL RECORDAR  
DE LA NARRAR

## O · M · TERNE .

O . umbrosus .

long de quatre pouces & demi . Bec cylindri-  
que un peu courbé à l'extrémité noir pile  
Frontales grisâtres à centre plus foncé .  
Tête, dos manteau uropygiales et couver-  
tures alaires d'un vert sombre à reflets de  
cuivre peu apparents . Buccales, gularales et  
pectorales écailleuses gris vert frangées de  
gris pur, glacées de vert doré . Abdominales  
et urales blanches . Remiges violettes, le  
tuyau de la première dilaté à sa partie  
moyenne . Rectrices carrées les deux su-  
périeures vert bouteille, les latérales noir  
violacé . Trait post-oculaire blanc .  
q gorge grivelée sans glacis de vertor

Un plumage sombre ou les reflets métalliques sont à peine prononcés fait peu remarquer ce Mellivore qui a d'ailleurs le chant et le vol de l'O.M. Hirondelle ces rapports m'auraient engagé à un rapprochement des deux espèces si des observations nombreuses ne m'eussent fait rencontrer les deux sexes de celle qui nous occupe .



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

UNION DES HISTORIQUES  
DE LA NABE

L'Oiseau-Mouche Terne habite avec une foule de petits insectes les forêts de *Bananiés* dont quelques pieds plantés par les sauvages le long des rivières, ont en se succédant annuellement envahi une immense surface de terrain. Il circule avec rapidité au milieu de leurs quinconces qu'il ne quitte jamais, croissant tour à tour les gros bourgeons violets dont les écailles épaisses protègent et recouvrent à demi des masses de fleurs humides de rosée et de miel. Il semblerait se nourrir de cette dernière liqueur mais en effet ne visite les fleurons qui la distillent que pour s'emparer des petits insectes qu'elle attire. Il se pose fréquemment et il a un chant fort et continu qui interrompt le silence religieux qui règne sous ces épaisses ombrages et n'est jamais troublé que par le froissement des longues feuilles satinées divisées en lamiers par le vent des orages, et qui alors agitées mollement par le zéphyr imitent le bruit des flots d'un mer dans l'éloignement.

Le développement extraordinaire de la tige des premières plumes alaires de cette espèce est d'autant plus remarquable, que de tous les Oiseaux-Mouches du Brésil elle est la seule qui le présente. elle se rapproche par cette singularité de l'OM à Larges Tuyaux de Cayenne.

Je n'ai jamais rencontré cet Oiseau au *Macabi*, mais il est assez abondant dans les districts du *Bananal* et d'*Ita-Grande* ou on l'observe toute l'année.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA



*Planche 4.*



O-M. TERNE.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DEL ACERVO  
DE LA FASENA



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

SERVICES DEL RESTAURADOR  
DE LA BIBLIOTECA

## O · M · HIRONDELLE ·

## O · furcatus ·

longt de quatre pouces et demi le Bec.  
 cylindrique un peu courbé noir Frontales  
 écailleuses d'un bleu d'azur brillant. Cervi-  
 cales bleu indigo changeant en vert sur le  
 ciput et semblant noir suivant la direction  
 du jour. Dessus du corps vert nolaclule,  
 le dessous du corps en entier imbriqué  
 de plumes vert émeraude à reflets dor.  
 Remiges noir-violet Rectrices les four-  
 chues longues de vingt deux lignes d  
 un bleu indigo vif, un duvet femoral ab-  
 ondant d'un blanc pur.

9 teintes supérieures plus ternes et  
 tonique cuivrées le dessous du corps  
 à plumes écailleuses espacées, semés  
 sur un fond gris perlé.

L'espèce dont il est ici question emprunte son nom de  
 ses formes, sa queue large et fourchue, la longueur de ses  
 ailes la rapprochent de ces intéressans Oiseaux qui condan-  
 nés aux voyages arrivent dans toute l'Europe avec les beaux  
 jours et fuyant les rigueurs des hyvers vont comme le  
 proserit abandonnant la terre qui l'a vu naître réclamer



PATRIMONIO  
 DOCUMENTAL

UNIDAD DEL PATRIMONIO  
 DE LA RASBIBLIOTECA

sous un autre ciel une hospitalité généreuse, le repos et la liberté.

En tous les temps et dans tous les lieux on rencontre l'O.M. Hirondelle, les Forêts sombres le reçoivent lorsque le soleil darde ses rayons brûlants il bruit dans les *Cipriais* quand celles-ci sont couvertes de la rosée du matin, et trouve une fraîcheur constante sous les ombrages de lianes verdoyantes, sous les dômes formés par les panaches des Bambous *Taquarubû*, qui annoncent le passage des rivières tout en masquant leur cours. Semblable à l'éclair dont quelquefois il a le brillant il s'élançait des sommets fleuris des *Jucris*, plonge dans les abîmes et reparait du milieu des *Cipris* entrelacés qui les recouvrent avant que l'œil ait pu juger le but qu'il désirait atteindre.

Le vol de l'O.M. Hirondelle est rapide et il semble que la facilité avec laquelle il l'exécute lui donne le sentiment de sa sûreté partout où paraîtrait devoir exister le danger, il s'avance près du chasseur voltige à quelques pouces de son arme, se rassure et s'éloigne aussi précipitamment qu'il s'en était approché.

On trouve cette espèce toute l'année quoique elle soit plus abondante d'août à novembre, temps où les individus ne sont point apparés.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

INSTITUTO DE PESQUISAS  
E ESTUDOS BIBLIOGRÁFICOS  
BOTA FORTALEZA

*Planche 5.*



**O-M. HIRONDELLE.**



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

OPERE DEL MUSEO  
DELLA SCIENZA



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DEL PATRIMONIO  
DE LA NARRATIVA

O · M · A VENTRE GRIS  
O Leucogaster .

long de trois pouces huit lignes. Bec cylindrique un peu courbé noir. Dessus de la tête cou des manteau et croupion vert doré très brillant. Couvertures claires vert cuivré. quelquefois les plumes bordées de roux. Gorge poitrine abdomen et anses d'un gris cendré uni. quelques hypocondriales vert doré. Rémiges bleu violet Rectrices courtes, légèrement fourchues, les deux supérieures vert indigo, les latérales indigo pur terminées de gris blanc, toutes d'une couleur d'acier bruni en dessous.

Cet Oiseau le plus répandu au Brésil se trouve presque toute l'année dans les *Cupiraes*, souvent dans les Forêts Vierges et constamment dans les jardins dès que les Orangers et les Citronniers sont en inflorescence. A cette époque il y arrive par essaims et s'ourdonnement se fait entendre à une grande distance.



PATRIMÔNIO  
DOCUMENTAL

GRUPO DE HISTÓRIAS  
DE LA HABANA

encore plus confiant que les précédens il se pose souvent à proximité de la main de l'homme et place son nid jusque dans son habitation. Il suit parfois dans son vol rapide les pentes des *Varandas* ou galeries à jour placés devant les maisons, il y plonge sur les moucheron et même sur les petits arachnides qu'il vient enlever du milieu de leurs filets.

Toujours en mouvement soit pour chercher sa proie, soit pour attaquer ou se défendre cet Oiseau est l'ennemi déclaré des grosses espèces du Genre et même de celles des autres familles qui lui sont bien supérieures par la taille. Il se perche à chaque instant, s'élançant sur son adversaire, le combat, le met en fuite, content alors de sa victoire il revient aussitôt se poser au même endroit, les plumes hérissées la tête vibrante dardant et retirant sa langue comme s'il était prêt à suffoquer de Colère.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

SECRETARIA DE HISTÓRIAS  
DE LA HABANA



*Blanche C.*



O-M. A' VENTRE GRIS.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

ORIGINE DEL MUSEO  
DELLA FAMIGLIA

## O · M · CUIVRÉ .

## O Cupreus.

long de trois pouces Bec légèrement arqué  
 demi bec supérieur noir, inférieur noir des  
 son tiers terminal jaune pâle dans le reste.  
 Frontales écailleuses d'un vert roux. Manèges  
 des éruptions et couvertures alaires d'un bleu  
 vert cuivré à reflets. Tout le dessous du  
 corps revêtu de plumes écailleuses vert-ai-  
 gue-marine glacé d'or et liserées de couleur  
 flaves vert sale, abdominales et anales gri-  
 sâtres. Rémiges violettes. Rectrices vert-bron-  
 zé en dessus, les latérales terminées de gris  
 entièrement d'un vert noirâtre en dessous.

Var. à *Gorge Blanche*, parties latérales du cou  
 vert émeraude glacé de bleu et d'or milieu  
 du cou, de la gorge de la poitrine et du ventre  
 d'un blanc de neige :

Var. à *Paillettes*, gorge et poitrine blanches  
 les plumes terminées de vert émeraude,  
 ventre vert jaune doré chaque plume fr-  
 angée largement de blanc-grisâtre.

Les jardins les plus rapprochés des habitations, ceux  
 où s'élèvent des berceaux à *Acidarak* dont les fleurs enhyr-  
 se ont les couleurs et le parfum du Lilas d'Europe sont  
 continuellement habités par l'O.M. Cuivré assez distingué de  
 celui à Ventre Gris pour former une espèce en effet une  
 taille moindre des reflets métalliques en dessous et un chant



PATRIMONIO  
 DOCUMENTAL

GRUPO DE INVESTIGACIÓN  
 DE LA NARRATIVA

plus aigu suffisent pour isoler de celui en qui il trouve son plus cruel ennemi quoique les deux espèces recherchent les mêmes végétaux comme les *Utridés* les *Lobés* le *Cardiospermum* répandant l'odeur du réséda, et en général toutes les fleurs secrétant une liqueur mielleuse abondante.

Commun dans la province de *San-Paulo* l'OM Cuivre est plus rare au *Macahé*. Son nid est souvent placé presque dans l'intérieur des maisons des *Ajoupas* recouverts en feuilles de Palmiers, où l'homme cherchant un abri contre la chaleur du jour reçoit avec plaisir la visite d'un charmant hôte qu'il ne fraie point et qui vient avec confiance partager son asyle.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DE RESTAURACION  
DE LA MEMORIA

## O · M · EMERAUDE .

O · Smaragdinus .

long de trois pouces trois lignes . Bec droit déprimé à sa base rouge - chair foncé noir à l'extrémité . Tout le plumage supérieur , même les cervicales (qui sont imbriqués et arborés) d'un vert doré très brillant , quelquefois à reflets de cuivre roselle . Gularies , gularales et pectorales très régulièrement imbriqués arrondies , vert-âpre mariné à reflets doré brun étincelans . Ventre en entier d'un vert émeraude doré . Crurales et duvet fémorel blanc de neige . Anales vert-malachite presque mat . Remiges violet sombre . Rectrices courtes larges fourchues . Bleu indigo . Pieds incarnés

Cette charmante espèce se rencontre uniquement sur les buissons qui bordent les chemins et sont par conséquent exposés à la plus forte ardeur du Soleil . presque toujours en mouvement il se pose , s'élançait avec la rapidité et le bruit d'une balle et malgré le clat extraordinaire des plumes de sa poitrine lors-



PATRIMÓNIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DE RESTAURAÇÃO  
DE LA BIBLIOTECA

qu'un rayon lumineux les frappe, il donne à peine le temps de l'apercevoir, il passe, éblouit et disparaît.

Lorsque l'Émeraude est perché à l'extrémité d'une branche morte, son corps est immobile mais sa tête est dans un état perpétuel d'agitation. Il balance les plumes de sa queue les épanouit en large éventail et fait entendre sans interruption un chant monotone un frolement particulier semblable à celui du Troglodyte de France.

Contre l'ordinaire des Oiseaux, les deux sexes se ressemblent à de très légères différences de couleurs près, plus faibles chez la femelle plus intenses chez le mâle.

Cet oiseau habite exclusivement le district du *Bananal*, il s'y montre sur les grandes routes, du mois d'Août à celui de Janvier.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

UNIDAD DEL PATRIMONIO  
DE LA HABANA

Planche 7.



O-M. CUIVRE.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DEL DOCUMENTADOR  
DE LA NAUVA

*Planche 8*



**O-M. CUIVRE.**

*V.<sup>u</sup> à Paillottes.*



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

OFICINA DEL PATRIMONIO  
DOCUMENTAL  
DE LA ACADEMIA



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DE RESTAURACIÓN  
DE LA NABINC





PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

UFFICIO DEL PATRIMONIO  
DOCUMENTALE



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFFICINA DEL RESTAURAZIONE  
DELLA BIBLIOTECA

Planche 9.



**O-N. CUIVRE .**

*V<sup>e</sup> à Gorge-Blanche*



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

GRUPO DE HISTORIA DE  
LA CIUDAD DE



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DEL RESTAURADOR  
DE LA HISTORIA

## O · M · SAPHIR-EMERAUDE.

## O · Cœrulescens.

long de trois pouces et demi. Bec large à la base, incarnat terminé de noir. Tête partie supérieure du cou manéau et lectrices vert-bleu brillant. Uropygiales violettes. Gulaires marron vif. Collaires bleu d'azur glacé de reflets métalliques et changeant en vert doré émeraude sur les parties latérales. Ventre vert-bleu. Crurales blanches. Analés d'un roux vif. Rémiges violettes. Rectrices larges un peu en côm, les deux supérieures violettes, les latérales marron foncé, toutes de cette dernière couleur en dessous. Pieds roses.

Var. même couleur sur le poignée supérieur, peu de bleu à la gorge. Côté femelle offre beaucoup de reflets vert aigue marine. Analés noirâtes.

Aucune espèce du Genre *Orthorhynchus* n'offre un plumage aussi susceptible à varier que celle-ci au point qu'il est rare de rencontrer deux individus parfaitement semblables, peut-être ces variétés sont elles produites par l'âge, et alors les teintes azurées prendraient d'autant plus d'intensité que l'Oiseau



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DE RESTAURACIÓN  
DE LA LECTURA

deviendrait plus adulte.

J'ai longtemps soupçonné l'espèce ici décrite d'être la femelle du Saphir, et ce n'est qu'après avoir recueilli les deux sexes de chacune que j'ai abandonné cette idée. Pourtant en considérant la grande tendance qu'a le plumage à varier il n'est pas impossible que les deux races se croisent quelquefois. Mais malgré tous ces rapports avec le Saphir celui qui nous occupe s'en éloigne par le vert brillant des parties latérales de la gorge et un reflet d'aigue-marine glissant sur la livrée azur qui décore la poitrine. Dans les deux sexes les Rectrices offrent les mêmes teintes et de tout le plumage de l'oiseau c'est je crois la seule partie qui ne change pas, du reste le vol et les mœurs des deux espèces se ressemblent, on les rencontre dans les mêmes lieux et dans le même temps.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OPERA DE RECUPERAÇÃO  
E DA PRESERVAÇÃO

## O·M· SAPHIR .

## O·Saphirinus .

long de trois pouces et demi . Bec plane et très large à sa base, rouge incarnat terminé de noir . Plumes frontales écailleuses d'un bleu azur brillant glacé d'or . Dorsales et rectrices vert-bleu très foncé à reflets métalliques . Uropygiales vert de cuivre rosette . Buccales blanches, terminées d'azur . Gutturales et pectorales d'un bleu pur et brillant à reflets d'argent et d'or bruni . Ventre et flancs vert foncé . Anales grises . Remiges violettes . Rectrices larges obtuses bleu d'acier bruni . Pieds noirs .

♀ Frontales vertes bordées de gris les gulars gris bleuâtre . Gutturales et pectorales azur clair frangées de blanc .

Le bleu tendre, du ciel, celui plus intense du saphir ne sont pas plus purs et plus éclatans que ceux qui colorent l'ont le devant de la tête et la gorge de cette espèce . Les rayons du Soleil frappent toujours une de ces parties, soit que dans le vol l'oiseau suive rapidement un des sentiers tortueux de la Forêt, soit que perché



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

à l'extrémité de quelque branche sèche se projetant au milieu d'un chemin, il attende en silence le passage d'un ennemi pour le combattre ou d'un insecte pour s'en emparer.

Cet Oiseau adopte un canton où il semble vivre en société plus ou moins nombreuse. Les individus qui la composent se poursuivent dès qu'ils se rencontrent sans que la haine paraisse exciter cette espèce de jeu qui est exécuté avec une extrême rapidité.

Les sarmens des *Pabislores*, et les fleurs de *Laberné* qui répandent au loin le parfum du jasmin, celles de *Sasolepias de Curaçao* et de quelques *Échites* attirent le Saphir qui recherche ainsi les plantes Apocinées poisons violens pour l'homme et les Animaux, mais qui ne nuisent en rien à ces élégans Oiseaux.

Quoique le Saphir soit rare, on le trouve de Mars à Novembre dans les lieux secs et aérés du *Banana*, son chant qui consiste en une suite d'accens plaintifs et très perçans, le fait aisément découvrir.





*Planche 10.*



**O-M. EMERAUDE.**



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

OFICINA DEL PATRIMONIO  
DOCUMENTAL



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DEL ARCHIVAJERO  
DE LA PRESIDENCIA

Planche 11.



O-M. SAPHIR-EMERAUDE.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DEL HISTORIADOR  
DE LA NACIÓN



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DEL REGISTRADOR  
DE LA NACIÓN

Planche 12.



O-M. SAPHIR.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OPERA DEL MINISTERO  
DEI BENI CULTURALI



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DEL PATRIMONIO  
DE LA NACIÓN

## O · M · HAUSSE - C O L .

## O · Torquatus .

long de trois pouces neuf lignes. Le demi-bec supérieur noir, inférieur jaune dans les deux tiers de son étendue, noir à son extrémité. Tête, cou, manteau et uropygiales d'un beau vert doré. Gularales vert-émeraude bordées de blanc. Gutturales et poectorales d'un blanc pur. Une large ceinture de plumes imbriquées d'un vert incluable à reflets d'or couvre le haut du ventre en forme de plastron ou croissant dont la concavité regarde la tête. Plumes variées de vert et de blanc, milieu du ventre, fémorales et anses d'un blanc pur. Remiges noir violet de la longueur des rectrices, celles-ci égales et courtes, les deux supérieures d'un vert-bronze, les latérales noir pur à reflets d'acier brun, terminées de blanc.

Commune dans le district du *Morro-Quimado*, mais rare dans celui du *Bananal*, cette espèce se fait moins remarquer par l'élégance de ses formes et l'éclat de ses couleurs que par son extrême confiance. La vue de l'homme ne l'effraie nullement, elle vient pour ainsi dire se poser sur le fusil du Chasseur .



PATRIMÔNIO  
DOCUMENTAL

ORÇÃO DE INVESTIMENTO  
DE LA MARINA

D'un naturel pacifique, cet oiseau caresse les fleurs sans poursuivre les nombreux rivaux qu'elles lui attirent et qui moins généreux à son égard, le chassent sans pitié, sans craindre ses moyens de défense qui ne consistent qu'en un vol rapide et des accens plaintifs.

Dans ses momens de tranquillité il a presque les habitudes de l'OM Noir comme ce dernier il épauvoute et resserre alternativement les plumes de sa queue en accompagnant ces mouvemens d'un froûlement sourd.

On trouve cet oiseau dans les champs de *Malvacés* et surtout sur les *Listreaux* à gros fruits bleus qui encoumbrent les *Cypéris* et lors de leur inflorescence ont leurs longs rameaux chargés de bouquets de fleurs stellées d'un blanc-jaune. Sa nourriture consiste en insectes qu'il saisit au passage. On le voit des heures entières perché à l'extrémité d'une branche morte y faisant preuve de patience et comme esclave de ce lieu d'élection le quitter pour peu d'instans et y revenir aussitôt.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

ORDEN DEL HISTORICAJE  
DE LA HABANA



*Planche 13.*



**O-M. HAVSSE-COL.**



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

OFICINA DEL PATRIMONIO  
DE LA PALMIRA

REGOLAMENTO



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

UFFICIO DEL RESTAURO  
DELLA BIBLIOTECA

## O · M · AMÉTHYSTE .

## O · Améthystenus .

long de quatre pouces six lignes. Bec cylindrique droit renflé à la pointe, zigzag. Le dessus de la tête de la base du bec au vertex couvert de plumes écailleuses vert émeraude à reflets d'or brun, bordés sur les côtés et en arrière de plumes moins brillantes, d'un vert zigzag marine et indéfini devenant d'autant plus longues qu'elles s'éloignent davantage du lieu de leur origine elles forment huppe et recouvrent une plumedroite étroite bleu noir longue de dix huit lignes susceptible d'érection. Dessus du corps et de la queue vert bronze à reflets grisâtres. Culaires grises terminées de violet. La gorge la poitrine et le milieu du ventre couverts de plumes soyeuses du violet pensée le plus pur reflétant lazur hypochondriales verdâtres. Ailes grises terminées de vert. Rectrices égales carrées vert bouteille terminées de blanc. Cils du cou gris de perle une tache blanche derrière l'œil. Pieds noirsâtres.

L'Améthyste est le seul des O Mouches du Brésil, dont la gorge ornée de teintes vives ne brille d'aucuns reflets métalliques. On le rencontre uniquement dans les lieux où croît l'espèce de *Belladone en arbre* nommée par les Brésiliens, *Muramira* plante aussi remarquable par l'élégance de ses fleurs quo par le doux parfum qui s'en



PATRIMÔNIO  
DOCUMENTAL

ORGÃO DE INVESTIGAÇÃO  
E DE ARQUIVOS

exhale, ce qui indique la préférence qu'il accorde aux bords des eaux et aux *Capuciras* qui forment la lisière des bois vierges où pullulent exclusivement les variétés de ce végétal.

Le vol de cet Oiseau est assez rapide, et pourtant très irrégulier, il le précipite, le ralentit ou même l'arrête tout à coup. Souvent il glisse comme sur un plan incliné, en resserrant les ailes, il se soutient et reste stationnaire en les écartant et les agitant avec violence.

L'Améthyste se pose souvent, au moindre sentiment de crainte, la plume cervicale ordinairement couchée se redresse et sa base brille alors des reflets de l'or et de l'argent bruns, elle reprend sa première position dès que plus tranquille l'oiseau s'élançe sur un insecte passant à sa portée.

Cet oiseau se rencontre dans les environs du *Canta-Gallo* et du *Bananal*. Il y est assez rare pour qu'en cinq années de recherches je n'aie pu m'en procurer que deux individus.



PATRIMÔNIO  
DOCUMENTAL

ORÇÃO DE INVESTIMENTO  
DO IAC PARANÁ

*Planche 14.*



**O-M. A MÉTHISTE.**



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

OFICINA DE PATRIMONIO  
DE LA SABINA



## O · M · MALACHITE

O · Sériceus.

Long de cinq pouces et demi, les rectrices formant la moitié de la longueur totale. Bec subulé noir, droit. Un trait noir part de la commissure des mandibules s'éloigt en passant au dessous de l'œil qu'il embrasse en partie et se termine sur le côté du cou. Frontales vert doré à reflets de cuivre roselle. Nos. couvertures alaires et utropygiales (qui sont longues et serrées) d'un beau vert doré à reflets orangés ou jaune pur, suivant la direction des rayons solaires. Rémiges noires les Rectrices très étagées, les six moyennes noir pur, les latérales d'un beau blanc. Cette couleur dans toute sa pureté est répandue sous tout le pennage inférieur. Pieds incarnats.

Var. *Grisele*. le centre des plumes gularaires et pectorales d'un vert-gris.

Les *Bauhinies* à fleurs blanches, et les épis couleur de feu des *Palisiers* ou *Cajés* attirent principalement ce joli Oiseau-Mouche, remarquable par l'ondulation de son vol qui est accompagné d'un chant désagréable et perçant. On l'aperçoit de fort loin soit lorsque les ailes étendues il semble glisser dans les airs, soit qu'en les rapprochant



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

GRUPO DEL ESTADÍSTICO  
DE LA NACIÓN

il s'abandonne à son propre poids, ou que suspendu devant une fleur il étale les longues penes de sa queue dont le blanc d'émail visible seulement dans cet instant contraste avec le fond de verdure sur lequel on le croirait appliqué.

Quoique les fleurs que recherche le Malachite se montrent dans le même temps, et que les végétaux qui les produisent couvrent une grande étendue de terrain il en adopte certains canons qu'il ne quitte que pour se réfugier dans les buissons les plus épais où il espère échapper à la poursuite d'autres Oiseaux plus courageux que lui, et qu'il n'est pas toujours assez heureux pour éviter.

Le Malachite habite le *Bananal* et le *Mucabi*, on l'observe le long des bois et le bord des ruisseaux en Septembre et Octobre, il est confiné le reste de l'année dans les Forêts-Vergées.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DEL PATRIMONIO  
DE LA PALABRA



Planche 15.



O-M. MALACHITE.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OPERE DEL PATRIMONIO  
DELLA FIABIANI



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DEL ARCHIVO  
DE LA NACIÓN

*Planche 16.*



**O-M. MALACHITE,**

*V.<sup>te</sup> Grivelé.*



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

OFICINA DEL ACERVO  
DE LA UNAM



O · M · À OREILLES .  
O · Auritus .

Long de trois pouces et demi . Bec noir subulé très pointu . Plumes frontales écailleuses vert aigue marine doré . Des manteau et couvertures d'un vert doré à reflets de cuivre roselle très brillans . Les uropygiales très longues soyeuses recouvrent presque en entier les rectrices et sont d'un beau vert d'émeraude doré . Remiges violettes . Rectrices égales courtes d'un beau blanc . Les quatre supérieures noir pur . Œil placé au centre d'une tache noire descendant sur les côtés du cou où les plumes larges écailleuses sont bleu azur . Entre le noir des auriculaires et le blanc de neige de tout le dessus du corps est une bande oblique vert doré naissant au  $\frac{1}{2}$  bec inférieur et se terminant au niveau des plumes azures , avec lesquelles elles se confondent souvent .

Var.<sup>n</sup> à *Longue Queue* , rectrices formant la moitié de la longueur totale . Tout le manteau vert émeraude à reflets orangés dorés .

Le bord des rivières d'une partie de la province de *San Paulo* , est ordinairement garni d'une espèce de *Stramvire* à longues cloches pendantes dont six à huit à l'approche de la nuit une odeur délicate se répand . Pendant le jour des myriades de petits insectes garnissent le



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

ORIGINE DOCUMENTAIRE  
DE LA NATION

dedans des corolles et c'est pour s'en saisir que l'OM. à oreilles est constamment suspendu devant elles.

Cet oiseau a le vol léger mais par bonds, il étend et resserre alternativement ses ailes, épanouit sa queue et peut à volonté rester stationnaire dans l'espace ou s'en précipiter. Victime de la poursuite des autres Oiseaux Mouches et des Colibris dont le vol est plus rapide et plus soutenu il fuit devant eux, se cache dans les plus épais buissons ou se perd dans les airs en laissant échapper un cri plaintif, et quoique de taille à résister il lui manque le courage de combattre.

Ce charmant Oiseau est abondant pendant les mois de Septembre et Octobre, et les districts du *Maahé* et du *Bananal* le comptent également au nombre de leurs plus intéressantes productions Ornithologiques.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

ORDEN DEL POSTALADOR  
DE LA REUNION

Planche 17.



O-M. A OREILLES.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

OFICINA DE INVESTIGACION  
DE LA NATURALEZA



PATRIMONIO  
DOCUMENTALE

UFFICIO DEL PATRIMONIO  
DOCUMENTALE



## O·M·FLABELLIFÈRE.

## O Flabelliferus.

♂ long de deux pouces six lignes. Bec droit aigu noir. Plumes du front, du vertex et du tour du bec squameuses vert pur et orné. Tête, dessus du cou, manteau et tectrices vert brillant à reflets cuivrés, une bande blanc-ensumé au bas du dos. Uropygiales brun verdâtre nuancées de violet. Remiges violet sombre. Rectrices étagées brun-pourpre terminées de blanc, les deux supérieures vert-brunze uniforme. Culaires et gulariales longues, à barbes déssinées vert céladon doré mat, érectiles. Auriculaires étagées, larges vert-et-or pur très brillant, adès du cou chargées de plumes étagées longues de deux lignes au pouce, étroites spatuliformes susceptibles de s'épanouir, rassemblées et couchées lors du repos, vert doré-mat terminées de blanc. Gorge blanche, chaque plume nuancée de marron à sa naissance. Milieu du ventre roux ensumé chaque plume bordée de plus foncé. Hypochondres vert doré. Anales roux gris. Trait noir de velours devant l'œil.

♀ gorge et poitrine à plumes blanches bordées de brun foncé. Bas ventre roux. Rectrices bronzées terminées de violet enfin de blanc sauve. Le plumage supérieur vert cuivré. Plumes érectiles nulles.

Le Flabellifère est un des plus rares des O Mouches



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

ARQUIVA DEL HISTORICADP  
DE LA PALENA

du Brésil. Il se rencontre dans les Forêts Vierges au sommet des arbres les plus élevés où il est attiré par les nombreux *Eupatoriés* dont les sarments flexibles atteignent la cime des vieux patriarches des bois et retombent ensuite vers la terre en longs festons fleuris.

La petitesse de cet Oiseau le rendrait très difficile à découvrir si le bourdonnement qu'il produit en volant ne se faisait entendre de fort loin, son vol est rapide et soutenu il monte très haut dans les airs et lorsqu'il se précipite il produit un sifflement semblable à celui d'une balle. Pendant qu'il exécute ses évolutions, les plumes qui forment sa parure sont couchées, mais dès que la colère l'anime ces deux larges éventails s'étendent se portent en avant et brillent des teintes de l'émeraude et du reflet de l'or. La femelle privée de longues plumes collaires à de loin l'apparence et le vol d'un Huppe-Col jeune.

Fort rare dans le district du *Mucabié* le Plabellifère est plus abondant dans celui du *Banana*. Il descend sur la lisière des bois en Juin et Juillet, et en Septembre il se repand dans les *Cupucirus* où fleurissent alors de grandes quantités de *Kelmis*.



Planche 18.



O-M. FLABELLIFÈRE.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

GRUPO DE INVESTIGACIÓN  
DE LA UVALE



*Planche 19.*



**O-M. FLABELLIFÈRE,**

*(Femelle)*



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

OFICINA DEL ARCHIVO  
DE LA NAUVA



O. M. À SIX-FILETS.  
O. Setifèrus.

♂ longueur totale cinq pouces huit lignes; les deux plumes extérieures de la queue seules de trois pouces quatre lignes, les deux suivantes de deux pouces cinq lignes, ces quatre plumes sont très étroites pour leur gris cendré à côte moyenne blanche d'argent, elles sont surmontées de deux plus larges longues de treize lignes d'un bleu-noir à côte blanche. Les autres bleu d'acier bruni sont rudimentaires. Bec noir subulé droit. Trait blanc derrière l'œil. Frontales écailleuses vert emerald doré. Cervicales, collarales, dorsales et tectrices vert doré rubissant los du dos traversé par une bande blanche. Épipégiales vert doré. Gorge, cou et poitrine couverts de plumes écailleuses vert très brillant doré, passant par toutes les nuances du vert emerald au vert noir le plus foncé. ces plumes sont séparées du noir par de l'abdomen, par une ceinture rouge cerise changeant en orangé et en citron. côtés blancs, anales grisâtres.

♀. queue courte fourche acier bruni. terminée de blanc, gorgé peu brillante le dessous du corps noir enfoncé.

Remarquable par les appendices séparés qui la terminent, cette espèce l'est bien davantage par la mobilité



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

GRUPO DEL INSTITUTO  
DE LA LIBRERÍA

de ses couleurs le Six-Filets offre sur sa gorge les reflets de l'émeraude de l'Or et du Jais mélangés, mais suivant la position du corps prenant plus ou moins d'intensité, l'un cé dant à l'autre tout l'espace pour le ressaisir à son tour dès que l'Oiseau fait le plus léger mouvement.

Quand le Six-Filets vole les Rectrices sont rapprochées, et relevées quand il se soutient devant une fleur, mais soit que la main du chasseur le saisisse soit qu'un rival le poursuive elles s'écartent subitement, et forment de leur base au sommet un angle très obtus ou pour ainsi dire se placent sur une ligne horizontale.

Un bourdonnement aigu annonce l'arrivée de ces Oiseaux, une crépitation sonore les signalent quelquefois, les sommités fleuries des *Eupatoires* des *Conyzes*, les épis de tous les *Samolus* et des *Marianens* en attirent des légions occupées tout le jour soit à poursuivre les insectes qui y abondent, soit à livrer bataille ou jouer entre eux, le combattant vainqueur à cette lutte vient se percher à l'extrémité d'une petite branche morte ou sur la surface d'un corambe fleuri en balançant de haut en bas les plumes de sa queue qui alors sont rapprochées.

Habitant des districts du *Bananal* et du *Macché* le Six-Filets est plus abondant dans le premier, surtout pendant les mois de Août, Septembre et Octobre, le reste de l'année il est réfugié dans les Forêts-Vergies.



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

ORIGINE: INSTITUTO  
DE LA PESQUERA



*Planche 20.*



**O-M. A' SIX-FILETS.**



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

ORFOLI DEL MUSEO  
DELLA SALUTE



*Planchy 21.*



**O-M. A SIX-FILETS,**

*(Femelle)*



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

UNIDAD DE INVESTIGACIÓN  
DE LA HISTORIA



PATRIMONIO  
DOCUMENTAL

UFFICIO DEL PATRIMONIO  
DOCUMENTALE  
DELLA REGIONE  
TOSCANA

## O·M·RUBIS .

## O·Rubineus.

long de trois pouces. Bec subulé noir. Tête  
 le dessus du cou, manteau, couverture et  
 uropygiales d'un beau vert à reflets d'or.  
 De la base du demi-bec inférieur nais-  
 sent des plumes longues écailleuses ou  
 imbriquées érectiles, disposées en tri-  
 angle, d'un rose foncé prenant les teintes  
 carmin et pourpre violet les plus intenses.  
 Gorge blanche, un demi collier pectoral  
 gris de perle. Un trait blanc post-oculaire.  
 Flancs vert pâle, Abdomen et ailes  
 gris cendré. Remiges violacées. Rectrices  
 très fourchues, vert bronzé en dessus,  
 violet-brun en dessous. Pieds noirs.  
 Les mêmes teintes sans rose à la gorge  
 trait post-oculaire très apparent. Rectri-  
 ces plus courtes.

Le principal caractère du Rubis consiste dans  
 les plumes roses qui naissent de la base de son bec, et  
 forment en se portant en avant, un angle aigu avec lui  
 dès que l'Oiseau éprouve quelques sentimens de co-  
 lère ou de crainte.

Le vol de cette espèce est rapide et bruyant.



PATRIMONIO  
 DOCUMENTAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL  
 DE MARÍLIA

on est averti de sa présence longtemps avant d'avoir pu l'apercevoir, de sorte que lorsqu'il bourdonne à la cime d'un *Couratari* ou *Tiguliva* à des hauteurs de plus de cent pieds et qu'il se joue au milieu des grappes odorantes de ce géant des forêts dont les rameaux surchargés de fleurs semblent couverts de neige, l'Oïla beaucoup de peine à découvrir l'Oiseau mais à cette élévation son bruit est encore aussi aigu que celui que produirait un gros Bourdon à portée de la main.

Quand dans un jour chaud et orageux de paisibles vapeurs s'élèvent et s'amassent au sommet des montagnes le Rubis paraît extrêmement communi. Il descend alors dans les *Cúpiciras* et dans les *Campos* où s'étendent des rideaux de *Lantana rose* et *urucari* qu'il ne quitte plus même au milieu des torrens de pluie qui donnent la mort à beaucoup d'Oiseaux, tandis que lui malgré sa petite taille n'en est point affecté.

Cette jolie espèce se rencontre depuis *Buenos Ayres* jusqu'à *Canada*, il disparaît dans cette dernière contrée à l'approche des gelées et y revient annoncer les beaux jours et les fleurs dès que le Soleil a repris assez de force pour rechauffer la Terre.



*Planche 22.*



**O-M. RUBIS.**



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

COMISIÓN DEL HISTORICAL  
DE LA REALIDAD





## O. M. HUPPE - COL .

## O. Ornatus .

o long de deux pouces six lignes Bec droit, subulé rouge incarnat terminé de noir. Frontales vert émeraude environnant une huppe de plumes longues effilées érectiles d'un roux incarnat. Tête cou et manteau d'un vert roussâtre doré bas du dos blanc pur. Gorge violée azéou. Le dessous du cou et la gorge couverts de plumes écailleuses vert émeraude et iris doré brun. Parties latérales du cou portat des plumes éléguées coupées carrément à l'extrémité disposées en éventail et érectiles : ces plumes sont blanches terminées d'une bande vert doré. Abdomen gris cendré. Hypochondriales verdâtres. Ailes vertes bordées de roux. Remiges violettes. Rectrices en coin les deux supérieures vert bronze les latérales d'un roux marron pur, terminées de noir dessus toutes marron brillant en dessous. Pieds roses.

o roussâtre en dessous. Frontales vert sombre bordées de roux. point de huppe.

Le Huppe-col ainsi nommé des deux éventails de plumes qui ornent les parties latérales de son cou est le plus petit des *Orthorynques* du Brésil, la femelle principalement avant au plus dix-huit lignes de long paraît un gros bourdon, et comme son vol est pesant et très bruyant on confond souvent cet Oiseau avec des



PATRIMÔNIO  
DOCUMENTAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO  
DE JANEIRO

insectes lorsqu'il est à une certaine hauteur.

Toutes les fleurs attirent le Huppe-Col, mais on l'observe principalement sur une plante à petites corolles jaunes verticillées et dont le feuillage blanc et tomenteux lui donne l'apparence des *Molènes*, il fréquente également les *Santanos* et les plantes *Corymbifères*.

Toujours en mouvement et vivant ordinairement en société ces charmans oiseaux se livrent des combats continuels, deux ou trois individus s'élèvent perpendiculairement et souvent hors de la portée de la vue en dardant le bec et hérissant les plumes jusqu'à ce que la fatigue ou la crainte mette la paix en séparant les champions.

On rencontre le Huppe-Col toute l'année et dans tout le Brésil il semble voler avec plus de force et fait également plus de bruit lorsque le temps est disposé à l'orage, c'est dans cette circonstance surtout qu'il fait entendre à cet instant cette crépitation sonore réellement extraordinaire et qu'on ne croirait jamais produite par un aussi petit Oiseau.



PATRIMÔNIO  
DOCUMENTAL

SECRETARIA DE CULTURA  
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

*Planche 23.*



**O-M. HUPPE-COL.**



**PATRIMONIO  
DOCUMENTAL**

OFICINA DEL DOCUMENTAL  
DE LA HASLINA

